UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Roberto Montenegro Perrotta

Caracterização da Indústria Cerâmica do Sítio Branco (Itapeva - SP):

Possíveis Correlações Culturais

São Paulo

2015

Roberto Montenegro Perrotta

Caracterização da Indústria Cerâmica do Sítio Bianco (Itapeva - SP):

Possíveis Correlações Culturais

Versão corrigida

A versão original encontra-se na biblioteca do MAE

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia do Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.

Área de Concentração:
Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr.
Astolfo Gomes de Mello Araujo.

Linha de Pesquisa:
Espaço, Sociedade e Processos de Formação do Registro Arqueológico.

São Paulo

2015

À minha amada esposa e o nosso pequeno Cainã.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Astolfo Araujo pelo apoio, pelas indicações de leitura e orientações no trabalho, além da liberdade na escrita do texto.

À Mariana Corrêa Barra, minha esposa, pelo apoio incondicional em todos os momentos, pela elaboração dos mapas e pelas várias leituras e contribuições ao trabalho mesmo sem ser da área.

Ao Dr. Ângelo Corrêa pelas sugestões e orientações em relação aos povos Tupi e Guarani.

Aos Profs. Drs. Fabíola Andrea Silva, Neide Faccio, Rui Murrieta e Eduardo Góes Neves pelas discussões em aula que contribuíram tanto para este trabalho quanto para a minha formação enquanto pesquisador.

À banca examinadora de qualificação e mestrado do presente trabalho, representada pelos profs. Drs. Neide Faccio, Paulo de Blasis e Robson Rodrigues.

Ao Dr. Fernando Ozório pelas contribuições tanto durante a elaboração do projeto de pesquisa quanto à qualificação de mestrado.

Ao Dr. Wagner Bornal e toda a equipe da Origem Arqueologia pela compreensão pelas ausências em campos da empresa e pelo incentivo.

Ao prof. Dr. Levy Figuti por ter me introduzido na arqueologia e me dado a primeira oportunidade de estagiar na área.

À Tatiane Souza, Maria Ester Franklin e Cláudio Duarte pelo incentivo sempre, mas, sobretudo nas pausas durante as várias horas de análise para os famosos cafés do MAE/USP.

Aos colegas de mestrado e de arqueologia pelas discussões arqueológicas em momentos de descontração, mas que tanto contribuíram para este trabalho.

Aos funcionários da biblioteca do MAE/USP, em especial ao Hélio Miranda, sempre dispostos a buscar toda a bibliografia necessária para os trabalhos, mesmo quando a obra não faz parte do acervo do museu.

RESUMO

Este trabalho visa a partir da análise do material cerâmico de um sítio arqueológico localizado no alto Vale do Paranapanema identificar e dar voz aos antigos moradores desta região. Apesar da existência de sítios identificados e associados à Tradição Tupiguarani e Itararé, as questões de espaço e ocupação territorial tem se demonstrado bem dinâmicas, uma vez que era uma região com bastante fluxo de povos. Para o entendimento da dinâmica dessas ocupações nos debruçamos sobre dados arqueológicos, históricos e linguísticos aliados aos dados obtidos a partir do estudo da coleção cerâmica do sítio Bianco localizado no município de Itapeva.

Palavras-chave: arqueologia Tupi, cerâmica Tupiguarani, Vale do Paranapanema, Oeste Paulista, Itapeva.

ABSTRACT

This work aims at the analysis of the ceramic material of an archaeological site located at high Paranapanema Valley in a attempt to identify and give voice to the ancient inhabitants of this region. Despite the existence of sites identified and associated with Tradition Tupiguarani and Itararé the space, and land-use issues have been shown a complex dynamic since it was a region with very people flow. To understand the dynamics of these occupations we look back on archaeological, historical and linguistic data combined with the data obtained from the study of ceramics collection from Bianco site localized at Itapeva.

Keywords: archaeology Tupi, pottery Tupiguarani, Vale do Paranapanema, West Paulista, Itapeva.

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1: Principais contribuições de alguns antiplásticos presentes na pasta	58
---	----

LISTA GERAL DE FIGURAS

Figura 1: Região de abrangência do Projpar	14
Figura 2: Distribuição etnográfica do Vale do Paranapanema e adjacências	16
Figura 3: Pintura de Debret (1827) do povoado de Itapeva.....	28
Figura 4: O Estado de São Paulo e o aldeamento de São Batista do Rio Verde	46

LISTA GERAL DE MAPAS

Mapa 1: Sítios Cerâmicos do Alto Taquari	49
Mapa 2: Localização do Sítio Bianco - Itapeva (SP)	51

LISTA GERAL DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Implantação do Sítio Bianco na paisagem.	52
Fotografia 2: Peça 138. Negativo da emenda do rolete.	71
Fotografia 3: Peça 96. Presença de quartzo angular na pasta no intervalo de 1mm<3mm	72
Fotografia 4: Peça 1454. Peça com queima redutora.	77
Fotografia 5: Peça 1436. Fragmento com erosão e craquelê na face interna.	80
Fotografia 6: Peça 2735. Fragmento com alisamento fino na face interna.	81
Fotografia 7: Peça 1491. Presença de engobo branco na face interna.....	84
Fotografia 8: Peça 1381. Peça com pintura vermelha sobre engobo branco.....	87
Fotografia 9: Peça 841. Borda extrovertida, inclinada externamente e com borda arredondada.	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Parte Anatômica do Vasilhame.....	70
Gráfico 2: Técnica de Manufatura do Vasilhame.....	71
Gráfico 3: Tipo de Antiplástico.....	73
Gráfico 4: Espessura do Antiplástico.....	74
Gráfico 5: Porcentagem do Antiplástico na Cerâmica	75
Gráfico 6: Aspecto do Antiplástico.....	76
Gráfico 7: Queima da Cerâmica	78
Gráfico 8: Estado de conservação do fragmento	79
Gráfico 9: Alisamento da Face Interna do Fragmento.....	82
Gráfico 10: Alisamento da Face Externa do Fragmento.....	83
Gráfico 11: Engobo Face Interna	85
Gráfico 12: Engobo Face Externa	86
Gráfico 13: Decoração Pintada do Fragmento	88
Gráfico 14: Local da Decoração da Face Interna	89
Gráfico 15: Local da Decoração da Face Externa.....	90
Gráfico 16: Morfologia da Borda do Fragmento	92
Gráfico 17: Inclinação da Borda do Fragmento.....	93
Gráfico 18: Espessura da Borda do Fragmento	94
Gráfico 19: Tipos de Lábio	95

Gráfico 20: Espessura do Lábio96

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo I – Os protagonistas do Vale do Paranapanema	15
1. Dados etno-históricos	15
1.1. Os Tupi e Guarani	17
1.2. Os Kaingang	22
1.3. Os Oti-Xavante	24
1.4. Os Europeus	28
2. Dados arqueológicos	29
2.1 Pesquisas no Vale do Paranapanema	30
2.2. Tradição Aratu.....	38
2.3. Tradição Tupiguarani	39
2.4. Tradição Itararé.....	41
Capítulo II – Migração e Interações	42
Capítulo III – A área de pesquisa	49
3.1. Caracterização da área de estudo	49
3.2. O sítio Bianco	50
Capítulo IV – Métodos	55
4.1. Parte Anatômica do Pote.....	56
4.2. Técnica de Manufatura	56
4.3. Tipos de Tempero	57
4.4. Porcentagem e Distribuição dos Grãos de Tempero	59
4.5. Aspecto do Antiplástico	59
4.6. Aspecto da Queima.....	60
4.7. Estado de Conservação	62
4.8. Tratamento de Superfície	62
4.9. Marcas e Sinais de Uso	64
4.10. Decorações.....	65
4.11. Espessura do Fragmento	66
4.12. Espessura do Lábio	67
4.13. Estimativa do Diâmetro e porcentagem do Pote.....	68
Capítulo V – Resultados	69
5.1. Parte Anatômica.....	69

5.2. Técnica de Manufatura	70
5.3. Tempero.....	72
5.4. Queima	76
5.5. Estado de Conservação	78
5.6. Alisamento	80
5.7. Engobo/Barbotina	83
5.8. Decoração.....	86
5.9. Local da Decoração	88
5.10. Bordas.....	90
5.11. Lábio	94
5.12. Bases	95
VI. Conclusões.....	98
Referências Bibliográficas	100
Anexo I.	108
Anexo II.	109
.....	109
Anexo III.	110

Introdução

Os estudos investigativos acerca das ocupações indígenas pretéritas no Vale do Paranapanema datam da primeira metade da década de 60 do século XX a partir de estudos ligados ao Projeto Paranapanema (Projpar), coordenado inicialmente pela pesquisadora Luciana Pallestrini e, posteriormente, por José Luiz de Moraes. O objetivo fundamental e então pioneiro no país foi o de realizar escavações sistemáticas de grandes aldeias ceramistas baseadas em uma abordagem intra-sítio influenciada pela escola francesa (ARAUJO, 2001).

O levantamento arqueológico do Projpar abrange uma área de aproximadamente 47.300 km², compreendendo quase 20% do território do Estado de São Paulo (Figura 1). Para viabilizar esse objetivo, o Projpar foi dividido em vários sub-programas de pesquisa específicos, com diferentes linhas de ação calcadas numa diretriz metodológica comum, visando promover uma coesão qualitativa aos dados provenientes dos sub-programas (MORAIS, 1981).

Nossa pesquisa pretende contribuir para o conhecimento arqueológico da região do Vale do Paranapanema dando continuidade aos trabalhos anteriormente mencionados a partir da análise da dispersão e das características do material arqueológico coletados do sítio Bianco com ênfase na cerâmica, agregando ainda dados etno-históricos e linguísticos como fonte comparativa.

O entendimento do registro arqueológico da área do Alto Taquari, local em que o sítio Bianco se insere deve englobar a integração entre os dados históricos, etnográficos, linguísticos e arqueológicos. Apenas a partir da incorporação de diversas fontes que estão disponíveis é possível uma interpretação mais segura dos pretéritos habitantes do sítio Bianco

Nesse sentido, com o intuito de atender aos objetivos destacados anteriormente organizamos este trabalho da seguinte maneira:

No capítulo I serão retratados os grupos que estiveram presentes no Vale do Paranapanema como um todo e os dados arqueológicos e etno-históricos que temos disponíveis para a região.

No capítulo II abordaremos as questões ligadas a migrações e interações existentes entre grupos na pré-história, discutindo de que forma tais relações ocorrem e destacando as motivações que levam à migração do local de origem.

No capítulo III o objetivo é o de caracterizar e contextualizar a área de estudo, além de apresentar o sítio Bianco.

O capítulo IV apresenta os métodos adotados no estudo da indústria cerâmica do sítio Bianco e procura demonstrar o motivo e a importância dessas escolhas.

No capítulo V o objetivo é apresentar os dados obtidos a partir das análises realizadas durante a pesquisa. A partir dos estudos e resultados obtidos apontamos algumas considerações e reflexões acerca das ocupações humanas pretéritas na região.

Por fim reservamos um capítulo para tecer as principais conclusões deste estudo.

Capítulo I – Os protagonistas do Vale do Paranapanema

1. Dados etno-históricos

Os relatos de viajantes, missionários e documentos de época compreendem importante fonte acerca das comunidades que não deixaram registro escrito. Entretanto, deve-se ter cuidado, uma vez que o olhar é sempre o do “outro” de modo que esses relatos podem apresentar lacunas e além de revelar os anseios e temores por parte dos conquistadores (ARAUJO, 2001).

Diversas fontes etno-históricas apontam para a presença de grupos Guarani, Kaingang e Oti-Xavante na região do vale do Paranapanema, conforme exploraremos adiante.

Segundo Dantas (1978) haveria três grupos indígenas ocupando o sudoeste do interior paulista, sendo os Coroados (kaingangs), nas vertentes do rio do Peixe, os Cayuás (guaranis), provenientes do Paraguai, nas vertentes do Paranapanema e os Xavantes, ou Otis, originários do Mato Grosso, no platô central, região de campos e de cerrados.

Abaixo segue um recorte do mapa etnográfico de Nimuendaju de 2002 que apontam a distribuição e movimentação dos grupos existentes na região ao longo dos séculos.

Figura 2: Distribuição etnográfica do Vale do Paranapanema e adjacências

Fonte: Elaboração própria a partir de mapa constante na obra de Nimuendaju (2002).

No século XVII teriam se instalado jesuítas espanhóis nessa região, fundando as reduções de Santo Inácio de Loyola e Nossa Senhora de Loreto, no Estado do Paraná, entre a foz dos rios Tibagi e Pirapó e, posteriormente, os mesmos jesuítas teriam fundado mais três reduções na região paulista do baixo Paranapanema, por volta de 1613, sendo elas: Maracanã, Itamaracá e Araraá e mais 11 reduções no estado do Paraná.

Ainda no baixo Paranapanema, mas na margem paulista foi encontrada a missão jesuítica de Taquaruçu que foi objeto de estudo arqueológico no ano 1995 por Thomaz. Entretanto, a inconstância da presença religiosa na região paulista e a expansão dos mamelucos, determinaram uma curta duração dessas reduções. Vestígios dessas missões, que foram destruídos posteriormente por Manuel Preto e Raposo Tavares, podem ser encontrados nos municípios de Santo Inácio/PR e Itaguajé/PR (FACCIO, 2011).

Abaixo veremos de forma mais aprofundada cada um dos grupos protagonistas da região do Vale do Paranapanema.

1.1. Os Tupi e Guarani

As primeiras tentativas de explicar a origem dos povos Tupi e Guarani são do século XIX quando Von Martius em 1838 propõe que entre o sul da Bolívia e o Paraguai estaria o centro de expansão desses povos (NOELLI, 1994; MORAES, 2007). No ano seguinte, Alcides D'Orbigny propõe como um centro de origem dos Tupi e Guarani entre o Paraguai e o Brasil (MORAES, 2007).

Já em 1886, Karl Von Den Steinen, médico, etnólogo e antropólogo alemão, parte de Cuiabá em direção ao rio Xingu até a sua foz, e considera a partir de traços da cultura material que as cabeceiras do rio Xingu seriam o ponto de irradiação central dos Tupi e Guarani (BROCHADO, 1984; MORAES, 2007).

Em 1891, Paul Ehrenreich, antropólogo alemão, fornece como hipótese para as rotas de dispersão Tupi e Guarani o médio Paraná, alto Uruguai e Bolívia partindo a partir daí para todas as direções através dos grandes cursos d'água (MORAES, 2007).

Contudo o trabalho de Métraux (1927), antropólogo e etnólogo suíço, foi o primeiro a sistematizar informações de cronistas e viajantes quinhentistas e seiscentistas sobre os Tupi e Guarani e a articular esses dados de forma sistemática com materiais etnográficos contemporâneos (NOELLI, 1993; MORAES, 2007).

Através de métodos comparativos a partir do levantamento de elementos da cultura material e da tecnologia empregada Métraux (1927) conclui que o centro provável de dispersão Tupi e Guarani estaria localizado em uma área delimitada ao sul pelo rio Paraguai, ao norte pelo Amazonas, a leste pelo Tocantins e a oeste pelo Madeira.

De acordo com esse modelo as regiões do médio e baixo Tocantins teriam sido as últimas a serem ocupadas por grupos Tupi já em um período próximo à conquista. Esses grupos seriam descendentes diretos dos tupinambás em fuga dos colonizadores europeus (ALMEIDA, 2008). Cabe ressaltar que tal modelo não se encontra fundamentado através de pesquisas arqueológicas e linguísticas.

Outro modelo, respaldado por estudos linguísticos de Aryon Rodrigues (1964) e Greg Urban (1992) a partir de método comparativo classifica o tronco Tupi em dez famílias, sendo que seis dessas estariam presentes no estado de Rondônia na região das cabeceiras dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé. Esta diversidade seria um indicador da região como possível centro de dispersão, tendo os grupos Guaranis e Tupinambás seguido o sentido sul, descendo as bacias do Paraguai e Prata, e depois para o leste no sentido do litoral e os grupos Tupinambás amazônicos seguido sentido leste até o meio norte (MELLO e KNEIP, 2005).

Megggers no início dos anos 1970, a partir dos modelos de Métraux e Rodrigues aponta a planície amazônica, a leste do rio Madeira como provável centro de dispersão Tupi (MEGGERS 1974, 1977, 1979, 1982). As primeiras ondas migratórias teriam partido rumo ao sul através do sistema fluvial Paraná-Paraguai, e em seguida para o norte, beirando o litoral. Uma segunda onda migratória teria seguido em direção ao Brasil central e ao leste da Amazônia (SCHMITZ, 1991).

Segundo Meggers, limitações ambientais geradas por variações climáticas teriam ocasionado um recuo das áreas de floresta amazônica levando grupos do tronco Tupi a adotarem a migração como estratégia de manutenção das características do grupo (MEGGERS 1974, 1977, 1982).

Lathrap (1970) contesta as teorias de Meggers, apontando como centro de origem dos Proto-Tupi a confluência entre o rio Madeira e Amazonas associada à Tradição Polícroma Amazônica. Devido à pressão Aruak na Amazônia Central esses grupos teriam migrado para a Serra dos Parecis sendo esse o ponto de dispersão proto-Tupi.

Dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos por Lathrap e baseando-se em dados etnográficos, linguísticos e arqueológicos, Brochado (1984) defende a existência de duas rotas de dispersão Tupi partindo da Amazônia Central mais especificamente na região onde atualmente se localiza a cidade de Manaus. Uma delas subindo o rio Amazonas e os seus afluentes que viria a produzir a cerâmica da sub-tradição Tupinambá e outra descendo que viria a produzir a cerâmica da sub-tradição Guarani.

Brochado aponta o crescimento demográfico como principal responsável pela migração (1984). Segundo Brochado a cerâmica Guarani teria se originado a partir

da sub-tradição Guarita, com a perda de técnicas decorativas enquanto a cerâmica Tupinambá teria se originado a partir da sub-tradição Miracanguera que por sua vez seria próxima à cerâmica Marajoara (ALMEIDA, 2008; CRUZ, 2008).

Entretanto o modelo de Brochado apresenta falhas. As principais críticas referem-se à ausência de ligação histórica ou etnográfica entre a tradição polícroma amazônica e falantes de línguas do tronco Tupi e ao fato de que a sub-tradição Guarita não seria necessariamente a mais antiga e nem a menos sofisticada se comparada a outras tradições polícroma amazônicas (HECKENBERGER et al., 1998).

Nos modelos de expansão Tupi as diferenças étnicas e os processos de mudanças culturais não foram levados em consideração, sendo vistos como um grande grupo cultural homogêneo e estático menosprezando os processos de interações com outros grupos étnicos e os mecanismos de manutenção de fronteiras e de diferencial cultural (SOUSA, 2009).

1.1.1. A Presença Guarani no Paranapanema

O vale do rio Paranapanema em sua junção com o alto Paraná é considerado pelos pesquisadores como sendo a porta de entrada dos Guarani para os atuais estados de São Paulo, Paraná e sul do Brasil. Quando da chegada dos europeus na região da bacia do Paraná, estimava-se que existiam mais de duzentos mil indígenas ocupando toda a região (BROCHADO, 1984; NOELLI, 2000; MOTA, 2007).

Na história oficial do município de Barão de Antonina, anteriormente pertencente à Itaporanga, estas terras pertenciam ao povo Guarani Ñandeva, tendo sido posteriormente transferidos para a região de Bauru, onde há a Terra Indígena (TIs) Araribá, no município de Avaí pertencente ao estado de São Paulo. As terras foram loteadas em 1929 pelo Departamento de Imigração e Colonização do Governo (RODRIGUES, 2013).

A partir de 2005, os Guarani Ñandeva se deslocaram gradativamente da Terra Indígena Araribá, para as Terras Indígenas de Itaporanga e Barão de Antonina com o objetivo de retomar parte de seu antigo território (RODRIGUES, 2013).

De acordo com Rodrigues (2013) a partir de informações recolhidas pelo Grupo Técnico que realizou as pesquisas na região os Guarani Nandeva esse deslocamento ocorreu em decorrência de fatores ecológico-ambientais e conflitos sociais internos (RODRIGUES et al, 2010; RODRIGUES, 2013).

A área em que se encontra inserida as TIs Barão de Antonina e Itaporanga é banhada pelas águas do lago da UHE (Usina Hidroelétrica de Energia) Xavante construída nos anos 70 do século passado e que foram alvo de pesquisas arqueológicas coordenadas por Igor Chmyz, pesquisador da Universidade Federal do Paraná (ARAUJO, 2001; RODRIGUES, 2013).

Tais pesquisas revelaram a existência de mais de cem sítios arqueológicos na região demonstrando uma ocupação intensiva por populações pretéritas. (ROBHRAN-GONZALEZ, 2000; SANTOS e FACCIO, 2007; RODRIGUES, 2013). Datações arqueológicas associadas a grupos da tradição Guarani tem apontado que este povo já estava instalado na bacia do Paranapanema, desde 2.000 AP (MORAIS, 2000:21).

A partir de datações já realizadas para a região de Itaporanga, o processo de ocupação de povos Guarani, desde a data mais antiga até a mais recente, corresponde às principais datas apontam para uma continuidade desta população na região. Contudo, esse quadro se altera quando os europeus passam a ocupar este local (RODRIGUES, 2013).

No ano de 1830, Elliot (apud LIMA, 1978) constata a existência de índios Guarani nas vizinhanças da Vila de Itapetininga (distrito de Itapeva), estes teriam migrado de uma área localizada entre os Rios Ivinhema e Iguatemy ao sul do Mato Grosso (RODRIGUES, 2013).

Anteriormente à 1830 é possível constatar, a partir do mapa etno-histórico de Nimuendaju (1987) a presença de povos Guarani nas terras entre os rios Itararé e Verde, pertencente ao atual município de Itaporanga (RODRIGUES, 2013).

Posteriormente, no ano de 1843, no município de Itapeva, há relatos de Nimuendaju (1987) da existência de uma aldeia situada à margem esquerda do Rio Verde (*“aldeia indígena do Capitão Manal”*) e outra à direita do Rio Itararé. Estas aldeias distavam cerca de 2 km entre si e 24 km da residência do Barão de Antonina. Nas proximidades do Rio Itararé, na comarca de Coritiba, havia uma terceira aldeia Guarani, que acabou sendo destruída em uma guerra com um grupo

“Guayanazes”. Os sobreviventes deste embate, acabaram sendo incorporadas às duas outras aldeias mencionadas (NIMUENDAJU, 1987; RODRIGUES, 2013).

Nesse sentido, Rodrigues (2013) constata que *"os deslocamentos dos Guarani, no século XIX, para a região do Itararé foi influenciado pela presença de seus parentes por aquelas paragens, pois, as aldeias mencionadas e os muitos vestígios arqueológicos indígenas nessa área sugerem diferentes datações para os povoadamentos indígenas."*

Com a chegada de colonos não-índios na região do Médio e Alto Vale do rio Paranapanema os mesmos se aproveitam para tirar vantagem dos conflitos étnicos existentes entre grupos Kaingang e Guarani para se apropriar de suas terras. Os Kaingang sobreviventes do conflito desse período, uniram-se aos grupos de Salto Grande do Paranapanema e àqueles que viviam nos Vales dos rios Feio Aguapeí e do Peixe (RODRIGUES, 2003).

A aliança dos Guarani com os não-índios nas regiões de Itapetininga, Salto Grande e Itapeva teve como consequências para os primeiros a disseminação de doenças e a escravidão, seja de forma velada ou explícita (SAINT-HILLAIRE, 1972; LIMA, 1978; PINHEIRO, 1992 apud. RODRIGUES, 2013).

Em 1845, com apoio do Barão de Itapetininga, foi fundado pelos Guarani o aldeamento de São João Baptista do Rio Verde, na confluência dos rios Verde e Itararé. Além de moradia de alguns grupos, alguns o utilizavam como local de passagem quando encontravam-se em deslocamento e outros ainda, abasteciam-se de produtos vindos de não-índios (RODRIGUES, 2013).

O aldeamento de São João Baptista do Rio Verde (1845) foi o primeiro a ser criado no Vale do Paranapanema. Depois dele, foram estabelecidos o de São Sebastião do Piraju (1854) e o de São Sebastião do Tijuco Preto (1864). O trecho abaixo de Nimuendaju evidencia o que estavam por trás do interesse em aldear os povos indígenas:

O Barão de Antonina presenteara os índios com a ponta de terra entre os rios Itararé e Verde; mas os documentos pertinentes desapareceram muito a propósito, e assim, também aqui os intrusos rapidamente prevaleceram, transformando a terra dos índios em trunfo no jogo sujo da política regional. Todas as queixas por parte dos índios em São Paulo e Rio somente pioraram a sua própria situação (NIMUENDAJU, 1987:11).

Segundo Nimuendaju (1987) e Rodrigues (2013), os Guarani aceitaram o aldeamento por temerem a aproximação de povos Kaingang que haviam se estabelecido aldeias em áreas próximas aos rios Verde e Itararé. Entretanto,

segundo Amoroso, o contato do Barão com os Guarani e o patrocínio de aldeamentos *“foram concebidos como uma solução para o povoamento do sertão meridional, perigosamente desguarnecido às vésperas da Guerra do Paraguai”* (AMOROSO, 1998:41). Neste sentido, era do interesse das autoridades governamentais a permanência dos Guarani nesta região (RODRIGUES, 2013).

1.2. Os Kaingang

Os Kaingang, segundo dados linguísticos, teriam se originado no Brasil Central entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia e teriam se dispersado para o sul do país e norte da Argentina há cerca de 3000 anos A.P. (URBAN, 1992; MOTA, 2000; RODRIGUES, 2007).

Kaingang significa habitante das matas e o termo era adotado pelos próprios Kaingangs. Na etnologia o termo foi introduzido por Telêmaco Morocines Borba em 1882 para designar os grupos indígenas que não haviam sido catequizados ou que vivessem sob a tutela do homem branco. Os Kaingangs eram anteriormente denominados nos relatos de viajantes e jesuítas por Guyanás, Coroados, Bugres, Xoklengs e Botocudos (METRAUX, 1963; SIMIEMA, 2000; RODRIGUES, 2007).

Os Kaingang de São Paulo, juntamente com os do Paraná, constituem o maior grupo Jê meridional (PINHEIRO apud. RODRIGUES, 2007). Vivem em constantes deslocamentos dentro do seu território. As preferências desse grupo pelo relevo na forma de montanhas serras e planaltos por esse tipo de formação geomorfológica tinham um importante papel na mitologia dessa nação e na explicação da sua organização social (RODRIGUES, 2007).

No século XIX as populações Kaingang encontravam-se entre os rios Paranapanema e Uruguai em áreas extensas cobertas de campos naturais entremeadas por bosques de araucárias (MOTA, 2000). Essas árvores eram parte da dieta desses grupos, através do consumo dos pinhões. Ainda hoje, é possível verificar que os territórios Kaingang que ainda existem estão localizados em áreas que foram apontados por John H. Elliot no século XIX como terras Kaingang.

Além da coleta do pinhão, praticavam uma horticultura incipiente com a plantação de milho, feijão e abóbora, entre outras espécies. Além disso, dirigiam-se para as matas para coleta de frutos, mel, raízes e ovos de pássaros. Caça de aves,

pacas, antas, catetos, macacos, tatus, porcos do mato entre outros (RODRIGUES, 2007).

Os chefes Kaingang exerciam pouca autoridade segundo Metraux (1963). As atividades cotidianas, como a de caça, eram realizadas de forma igualitária com o grupo. O papel de líder era definido a partir dos empreendimentos coletivos em que mantinham o seu prestígio e zelavam pelo bem estar do grupo. Um chefe que exercia um papel dominador e avarento acabava sendo abandonado pelo grupo à qual fazia parte.

Eram adaptados a grandes caminhadas, essa mobilidade permitia a exploração de recursos diversificados. Havia áreas fixas definidas para aldeias com duração prolongada e para ocupações temporárias com a finalidade de atividades de subsistência (RODRIGUES, 2007).

Os homens caçavam e pescavam, além de coletas específicas relacionada à produção de armas e instrumentos de trabalho, enquanto que as mulheres se responsabilizavam pela roça, coleta de frutas, preparação de alimentos, confecção de cerâmica, tecelagem, cestaria e trançados (RODRIGUES, 2007).

No interior das habitações era mantido um fogo constante, que servia tanto para o aquecimento do interior e de seus habitantes, quanto para o preparo de alimentos em dias chuvosos (RODRIGUES, 2007).

Wiessemann (1978 apud. TOMMASINO, 2000) e Urban (1992) apontam que o vale do Paranapanema teria sido um ponto de divisão entre os Kaingang. Uma parte teria atravessado o rio Paranapanema rumo a região sul e teria deixado de manter contato com os que permaneceram. Dados históricos apontam que a chegada do homem branco no Paraná também teria sido um ponto de ruptura entre os Kaingang (MOTA, 2000).

No início do século XIX passa a ocorrer um deslocamento de mineiros com o declínio da mineração, além de trabalhadores vindos da região do médio Tietê. Nesse período a questão indígena deixa de ser uma questão de busca por mão de obra escrava e passa a ser um problema de posse de terra. Com a criação da Companhia de Estrada de Ferro Sorocabana em 1870, o povoamento na região se

intensifica, motivados pela facilidade de escoamento da produção e relegando os povos indígenas a locais menos atrativos e à produção agrícola.

Estima-se a presença de cerca de 4 mil índios Kaingang no final do século XIX distribuídos em diversas aldeias do sertão paulista (LIMA, 1978). Entretanto, esse montante da população Kaingang é reduzido à cerca de 400 indivíduos em apenas 15 anos (RODRIGUES, 2007).

No final da segunda década do século XX, os Kaingang da região ficaram limitados ao Posto Indígena Vanuíre, atualmente localizado no município de Arco-Íris na região de Tupã e ao Posto Indígena de Icatu, localizados no município de Braúna, ambos localizados no noroeste do estado de São Paulo.

As reservas criadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) no decorrer do século XX tiveram caráter multiétnico, habitadas por grupos que tiveram suas terras expropriadas e da política de pacificação indígena implementada pelo sistema de colonização do sertão paulista (RODRIGUES, 2007).

Restringir os Kaingang a reservas resultou em uma violência tanto física quanto moral, considerando a importância da mobilidade para este grupo afetando profundamente a sua identidade étnica conforme relatado aqui.

1.3. Os Oti-Xavante

Os Oti-Xavante eram um povo coletor que habitavam os Campos Novos do sertão de Botucatu no oeste de São Paulo. No início do século XX já se encontravam praticamente extintos. Foram denominados de Xavantes em decorrência de viverem nos campos. Pertenciam ao tronco linguístico Jê (PREZIA, 1998).

Borba (1908) menciona que inclusive o físico dos oti-xavante é distinto dos demais grupos que ocupavam a região, entretanto o autor não relata quais seriam essas distinções.

Os oti-xavante estariam nos campos circunjacentes aos rios Capivara, Jaguaretê e Laranja Doce (NIMUENDAJU, 1910). Ao Norte, eram barrados pelas matas da bacia do Rio do Peixe, onde viviam seus inimigos tradicionais, os Kaingang, e ao Sul, pelo Rio Paranapanema, *habitat* dos Guarani Kaiowá. Como

moradores dos campos, não usavam a canoa e pouca intimidade tinham com o rio (PREZIA, 1998).

São chamados de “curuton” pelos Coroados que significaria os sem roupa. (QUADROS, 1892). Assemelhavam-se na simplicidade de vida aos Nambikwara, do Oeste de Mato Grosso. Não produziam cerâmica (PREZIA, 1998). "Suas casas eram como os abrigos, feitas com ramos enterrados no chão e cobertas de palha ou folhas de palmeira indaiá, tão pequenas, que mal dava para se ficar sentado dentro delas" (SAMPAIO, 1890; PREZIA, 1998). Construía-nas alinhadas à beira de algum riacho, para facilitar a obtenção d'água (PREZIA, 1998).

Caçavam nos campos onde viviam, mas quando os animais se tornavam mais escassos, procuravam a mata, moradia de seus inimigos Kaingang. Como valentes guerreiros, os enfrentavam e geralmente levavam a melhor. Para a caça e a guerra, possuíam o arco, a flecha e uma comprida lança, feita com o tronco da palmeira (PREZIA, 1998).

Os Oti-xavante não praticavam a agricultura, mas se alimentavam a partir da coleta de mel, palmito, insetos e larvas (SAMPAIO, 1890; QUADROS, 1892). Em relação às vestimentas utilizavam um cordão de embira ao redor da cintura, tanto os homens quanto as mulheres, mas o das mulheres tinha um apêndice que é passado entre as pernas (QUADROS, 1892).

No que se refere ao uso de instrumentos tanto os homens quanto as mulheres utilizavam a lança, mas com a diferença de que a dos homens apresentava cerca de 25 cm, enquanto que a das mulheres apresentava cerca de 15 cm de comprimento (QUADROS, 1892).

O cabelo tanto dos homens quanto das mulheres é cortado ao redor da cabeça e fazem no pavilhão da orelha cortes longitudinais. Usavam colares de dentes de animais de espécies variadas. Além disso, os oti-Xavante não são praticantes da poligamia (QUADROS, 1892).

Von Ihering (1907) classifica os oti-xavante como um grupo distinto dos Xavantes do Mato Grosso e de Goiás, estes denominados opaiê-xavante e diz: “O nome Xavante visa, mais ao modo comum de vida nos campos do que a uma concordância linguística”.

Os aldeamentos eram pequenos, formados no máximo por 40 pessoas e a população total não devia passar de 500 pessoas (PREZIA, 1998).

A situação desse povo modificou-se drasticamente quando, por volta de 1830, os mineiros começaram a invadir a região, além da intensificação de atividades pecuárias demandando o acesso a terras pertencentes aos Oti-xavante. Entretanto, em certa medida, a chegada dos mineiros foi positiva, uma vez que não tinham mais a necessidade de se arriscarem nas matas dos Kaingang, uma vez que os animais que pastavam nos campos passaram a servir de caça para os Oti-xavante. Há relatos de que, em 1870, teriam chegado à região uma tropa de 80 éguas, que se tornaram fonte alimentar dos Oti-xavante (PREZIA, 1998).

Contudo, os Oti-xavante em pouco tempo causaram a ira dos colonos e passaram a ser alvo por estarem matando os seus animais. Nimuendaju (1982) realiza um impressionante relato de uma “caçada”, realizada por um grupo de 57 homens, reunidos pelo proprietário dos animais desaparecidos, João da Silva, numa aldeia situada no córrego da Lagoa, afluente do rio Sapé:

“Os Oti dormiam o sono dos incautos e além disso a cerração encobria o inimigo que se aproximava: uma parte deste pois, a pé, passando através de uma pequena faixa de mata que se estendia pelos fundos da aldeia, cortou-lhes a fuga, enquanto a outra parte, a cavalo, deu a investida pela frente pelo campo aberto e em poucas horas se via uma carnificina, igual a tantas outras que pode enumerar a história de nosso sertão.

Atordoados e sonolentos, os Oti levantaram-se, tentando escapar, tendo alguns deles mesmos tanta pressa nisto, que saíam com a choça à cabeça, arrancando-a do solo com o levantar; porém debalde; eles estavam circulando e foram mortos todos sem exceção de idade ou sexo, até verificarem apenas duas ou três crianças que foram levadas como troféus vivos. Quantos Oti foram assassinados nesta ocasião no córrego da Lagoa não se pode assegurar hoje. José Paiva, um dos que fizeram parte do grupo dos assaltantes, disse-me que os mortos estavam em montes sobre o terreno, e outras pessoas me garantiram que o número deles alcançava a 200; no entanto parece exagerar (PREZIA, 1998).”

Depois deste ataque, os Oti se mudaram da região, encaminhando-se para a mata, em lugares mais escondidos e com sentinelas permanentes. Mesmo assim, continuavam caçando bois e, sobretudo cavalos, sua caça preferida. Por volta de 1890, o grupo estava reduzido a 50 pessoas. O extermínio dos Oti fez com que os Kaingang do Rio do Peixe se tornassem mais ousados, atacando os colonos. A situação tornou-se tão tensa, que os moradores de Jaguaretê, tiveram que abandonar tudo, mudando-se da região. Os massacres se tornavam cada vez mais

violentos. Quando estavam localizados em algum samambaial seco, o fogo era ateado, queimando-os vivos (PREZIA, 1998).

Em 1853, Veríssimo de Góes, um condutor de carro-de-boi de um morador de São Mateus preocupado com a situação dos Oti-Xavante resolveu levá-los até a capital do Estado, com a intenção de encontrar um terreno em que pudessem se instalar. Contudo, muitos ficaram desconfiados do convite e acabaram recusando de seguir para São Paulo. Do montante total, apenas 30 pessoas do grupo acabaram seguindo Góes e se deslocaram para a capital do Estado (PREZIA, 1998).

O impacto que causou um grupo indígena, viajando de trem até a capital foi considerável. Ali chegando não obtiveram qualquer tipo de auxílio. Receberam alguns presentes e foram aconselhados a retornar à região. Sem recursos para a viagem de volta, Veríssimo acaba por vender alguns membros do grupo e por sua vez as mulheres são prostituídas para obter algum retorno financeiro. Dos 30 membros que haviam partido apenas um pequeno grupo consegue retornar à região de origem (PREZIA, 1998).

Além disso, uma doença não relatada teria sido contraída durante a viagem de regresso matando o líder Achimaco e praticamente todo o grupo restando apenas um único sobrevivente. Por outro lado, aqueles que haviam se recusado a ir para São Paulo acabaram sendo assassinados pelos Kaingang (PREZIA, 1998).

Segundo Nimuendajú, em 1903, restavam apenas nove pessoas: um homem, quatro mulheres e quatro crianças. Nesse mesmo ano, o homem foi assassinado por Manoel Caetano, provavelmente um colono da região. Nimuendajú relata que as mulheres foram procurar auxílio entre os colonos. Certo dia, um grupo de trabalhadores encontrou-se com elas e tentaram pegá-las à força. Assustados, com aquela aparição repentina, um deles gritou-lhes que eram Coroados (Kaingang) (PREZIA, 1998). Abaixo segue o relato:

“Mal se declinara o nome desta tão temida tribo, conta Nimuendaju, perderam os trabalhadores a cabeça e possuídos de verdadeiro pânico, cada qual procurava sua arma, nem mais se lembrando da orelha furada dessas mulheres, que era o sinal da tribo Oti. Debalde clamava o velho Israel (que conhecia bem aquele povo), que não atirassem nelas, debalde: à distância de um braço estendido, um de seus parentes varou com uma bala a cabeça da índia que lhe estava mais próxima; esta caiu-lhe aos pés, fugindo as outras três ao mato e os trabalhadores para as suas casas. No dia seguinte, encontrou-se o cadáver da mulher ainda no mesmo lugar, estando ainda viva

a criança que conduzia, a qual só veio a falecer muito tempo depois” (Prezia, 1998).

Em 1910, foram localizados mais três indígenas: um homem e duas mulheres, adotados por famílias brasileiras. Nimuendaju ainda conhece esse homem, denominado de José Chavantes. Entretanto, o mesmo já se encontrava com malária, que acaba o levando à morte (PREZIA, 1998).

Uma das mulheres, chamava-se Maria Rosa e foi aldeada com os Kaingang na TI Icatu em Braúna. Contudo, veio a falecer nos anos 80. Em sua homenagem a escola da aldeia recebeu seu nome (Com. pessoal Robson Rodrigues).

1.4. Os Não Índios

Figura 3: Pintura de Debret (1827) do povoado de Itapeva

A chegada dos europeus no Vale do Paranapanema ocorre no início do século XIX, a partir do declínio da mineração em Minas Gerais, muitos começam a migrar

para a região do Vale do Paranapanema em busca de terras. A agricultura praticada nesse primeiro momento era de subsistência vivendo de forma rústica, tendo cumprido o papel de frente de expansão que ocorreria (FACCIO, 2011).

Anteriormente, a presença de não índios na região se resumia a ida esporádica de bandeirantes em busca de metais preciosos ou na captura de índios para a venda como escravos. Portanto, neste primeiro momento que perdurou até o século XIX as relações entre os índios e posseiros na região foi relativamente amistosa.

A situação começa a se modificar com a intensificação da chegada de colonos para a região em meados do século XIX, sobretudo oriundos de Minas Gerais. A decadência da mineração aliada ao temor de um alistamento obrigatório na Guerra do Paraguai impulsionou a busca por novas terras nos chamados “sertões paulistas” (Sousa, 2008).

Os europeus começaram a se dispersar em maior número pelo Vale do Paranapanema com a expansão da cafeicultura e a chegada da estrada de ferro Sorocabana no início do século XX.

A Companhia Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) foi criada em 1870 por empresários sorocabanos. O primeiro trecho foi inaugurado em 1875 e ligava São Paulo a Sorocaba (FACCIO, 2011). Sua linha se expandiu e em 1909 o ramal de Itararé ligava Iperó a Itararé conectando a rede ferroviária paulista as estradas de ferro do Paraná. Em 1919 chegou a Presidente Prudente e em 1922 a Presidente Epitácio às margens do rio Paraná (FACCIO, 2011).

O avanço da linha férrea atraiu uma grande variedade de pessoas em busca de oportunidades. A grande maioria era de imigrantes vindos de Portugal, Espanha, Itália, Japão, Alemanha, Síria e Líbano (FACCIO, 2011).

2. Dados arqueológicos

As pesquisas arqueológicas realizadas até o momento no Vale do Paranapanema identificaram a presença de duas tradições ceramistas: Tupiguarani e Itararé-Taquara.

Em 1947, Baldus (apud. FACCIO, 2011) coleta na região do rio Feio, vasilhas cerâmicas produzidas pelos Kaingang. Na área do Projpar, no Vale do Paranapanema foram identificados sítios arqueológicos Itararé-Taquara na área do

médio vale do Paranapanema, assim como no baixo Paranapanema, no município de Ourinhos e Taciba.

Ainda não foram encontrados vestígios associados a grupos Kaingang que apresentem cerâmica com brunidura no baixo Vale do Rio Paranapanema, segundo Faccio (2011). Tais constatações com base em dados etno-históricos sugerem que a ocupação Kaingang no vale do Paranapanema seria mais recente que a ocupação Guarani (FACCIO, 2011).

Cabe resgatar neste momento uma breve cronologia das pesquisas arqueológicas que tiveram a região do Vale do Paranapanema como objeto de análise. Entretanto, em consonância com o foco deste presente trabalho optou-se por privilegiar neste levantamento as pesquisas que dialogam com o material estudado.

2.1. Pesquisas no Vale do Paranapanema

As primeiras pesquisas arqueológicas realizadas no vale do Paranapanema ocorreram no ano de 1964 por Pereira Júnior, no município de Itapeva, localizado a cerca de 300 km a sudoeste do município de São Paulo a partir do “achado” de uma igaçaba de médio porte e de fragmentos cerâmicos de uma vasilha no formato de uma “bacia” (ARAUJO, 2006).

Ainda em 1964 foram realizadas pesquisas nos arredores do município de Salto Grande localizado no estado de São Paulo. As investigações tiveram início, após dois professores da região terem levado uma pequena coleção cerâmica a Igor Chmyz (1977), que vendo o potencial da região deu início a pesquisas sistemáticas que originou seu trabalho de doutorado.

No final da década de 60, Desidério Aytai, realiza um estudo do sítio arqueológico Abrigo de Itapeva, que segundo relato de Araripe (1887) já era conhecido na região desde o final do século XIX (ARAUJO, 2006). Aytai identifica nesse abrigo sob-rocha a presença de pinturas em vermelho, preto e amarelo (ARAUJO, 2006).

Como já foi mencionado anteriormente, ainda no final da década de 60 tiveram início as pesquisas arqueológicas vinculadas ao ProjPar, coordenadas por Luciana

Pallestrini, ligada ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Data desse período a escavação do sítio Fonseca, no município de Itapeva. O sítio foi atribuído à tradição cerâmica Tupi-guarani.

O sítio Fonseca localiza-se em colina de pequena elevação a 40 m de altitude do rio mais próximo. Dois pequenos rios acompanham a colina: o rio Agrião e o rio Lageada. A cerâmica encontrada apresentou-se com decoração plástica corrugada e ungulada, além de decoração pintada.

Foram encontradas ainda seis urnas, sendo cinco destas corrugadas e apenas uma pintada com desenhos pretos em “grega” e uma linha vermelha circular sob as “gregas”, sobre o engobo branco. Em várias delas vestígios de sepultamento estavam presentes (PALLESTRINI, 1969).

As análises granulométricas apontam para o uso da argila local sem adição de antiplástico, mas sim o uso da areia já contida. A técnica do ungulado seria utilizado para vasilhas, uma vez que as dimensões dos fragmentos são menores (PALLESTRINI, 1969).

A técnica pintada fina corresponderia a vasilhas menores, enquanto que a técnica pintada grossa corresponderia a recipientes maiores, podendo constituir inclusive urna, como uma das que foram encontradas (PALLESTRINI, 1969).

Pallestrini (1969) define a existência de 8 cabanas em disposição semi-circular sendo que as urnas localizadas estariam do lado de fora de uma provável aldeia. Análises químicas de solo comprovaram um maior teor de carbono e cálcio nas áreas de terra preta. O cálcio pode estar associado a resíduo faunístico.

A partir dos achados no início da década de 60 no município de Salto Grande, Chmyz (1977) inicia uma pesquisa de mais de uma década na região resultando na localização de diversos sítios arqueológicos e na sua tese de doutorado.

No total Chmyz estabelece cinco fases arqueológicas para a região, sendo duas líticas (Timburi e Andirá) e três cerâmicas (Itararé, Cambará e Tibagi). Nossa análise contemplará apenas as classificações cerâmicas.

Fase Itararé

Total de cinco sítios localizados nas proximidades dos rios Itararé e Paranapanema, tanto do lado do estado de São Paulo quanto do lado do estado do Paraná. A distância máxima verificada foi de 50 km. Foram coletados um total de 434 cacos. De maneira geral são de pequena espessura. Engobo vermelho em ambas as faces. Bases planas e convexas são comuns. No total foram reconstituídas 12 formas.

Em relação à pasta o método de manufatura é o acordelado, embora as junções sejam pouco perceptíveis. O antiplástico é composto por areia fina distribuída uniformemente, argila queimada de cor clara, hematita, além de fragmentos de quartzo leitoso angulosos com até 3 mm de comprimento. A queima se dá por oxidação incompleta. Em ambas as faces predomina o alisamento fino.

Fase Cambará

Foram localizados um total de 55 sítios no médio Paranapanema ligados a esta fase. Entre os sítios identificados, todos encontravam-se em encostas ou topos de suaves elevações. A grande maioria dos sítios ocupava a encosta voltada para o rio. A distância do nível das águas variou entre 7m e 120m. A distância da margem do rio variou de 10 m a 1.500m, mas a maioria está entre 30 m e 300 m.

Muitos sítios encontravam-se próximos de corredeiras e ilhas. A profundidade na maior parte dos casos não ultrapassou os 15 cm. Contudo, alguns poucos chegaram a 40 cm de profundidade.

A área dos sítios ficou entre 100m² e 90.000m². Contudo a grande maioria ficou entre 900m² e 1400m². A maioria dos sítios apresentou forma elíptica.

A cerâmica esteve presente com cacos simples e pintados. Entre os pintados predomina pintura vermelha sobre engobo branco, seguido de pintura vermelha e preta sobre engobo branco, e por fim com apenas 1,62% aparece pintura preta sobre engobo branco. Os lábios são arredondados e raramente planos, apontados e biselados.

Artefatos em cerâmica raros, mas aparece cachimbos com receptáculos rasos, colher, cilindro e disco de uso desconhecido, suportes de painéis, polidores sulcados e recipientes modelados.

Fase Tibagi

No total foram pesquisados em 1966, seis sítios pertencentes a esta fase, todos localizados no baixo rio Tibagi no Estado do Paraná.

Implantados em encostas de pequenas elevações entre 10 m e 20 m acima do nível das águas e afastados de 10 a 80 m de suas margens. Também próximos de corredeiras e ilhas. As áreas de ocupação variam de 225 m² a 8.000 m². O pacote arqueológico variou de 15 a 25 cm.

A cerâmica foi classificada em dois tipos simples e quatro decorados. Todos com areia, fragmentos de rocha, hematita, cerâmica triturada e carvão vegetal.

Cerca de 70% da cerâmica pertencente à fase Tibagi apresenta decoração. O escovado é a decoração predominante, seguido por pintura vermelha e vermelha e preta sobre engobo branco. A ocorrência da pintura está nas faces internas ou nas porções superiores da face oposta. Aparecem ainda, em menores quantidades as decorações corrugada, serrungulada, ponteadas e pintada com dedo.

Os lábios são majoritariamente arredondados, mas aparecem também lábios planos, apontados e biselados. As bases convexas e cônicas são as mais recorrentes, contudo também aparecem bases planas e em pedestal.

A partir dos dados obtidos o autor busca uma primeira síntese para a região. A fase Itararé teria sido introduzida no Vale do Paranapanema já desenvolvida. A presença de engobo vermelho em grandes quantidades pode ser resultado de influência da tradição Tupiguarani.

O fato de as peças serem pequenas e com paredes finas, poderia indicar, segundo Chmyz (1977) um caráter nômade, com subsistência baseada na caça e coleta. Contudo, aponta o autor para a possibilidade da existência de uma agricultura incipiente.

A sequência seriada sugere uma movimentação no sentido oeste-leste pelo vale, tendo em vista que ao longo do rio Itararé sua presença é mais significativa.

O autor associa sítios encontrados no vale do rio Iguaçu da fase Açungui e do médio rio Piquiri também à fase Itararé. No caso dos sítios no médio rio Piquiri também aparecem casas subterrâneas, que são explicadas pelo autor através da presença de ventos frios que ocorrem no inverno, além da incidência de geadas e baixas temperaturas.

Ainda aparecem ocorrências comparáveis à fase Itararé no rio Ivaí nas proximidades do abrigo Woberto (ANDREATTA, 1968) e em Barracão (BLASI, 1965).

A cerâmica Itararé aparece de forma intrusiva em alguns sítios da Tradição Tupiguarani. No vale do Paranapanema está associada à fase Cambará com datação entre 820 A.D. a 1190 A.D. No médio rio Ivaí à fase Condor entre 1340 AD. e 1360 A.D. No alto rio Iguaçu às fases Guajuvira e Imbituva. Nas cabeceiras do rio Pirapó, entre os vales dos rios Tibagi e Ivaí à fase Caloré datada do período pós contato (CHMYZ, 1977).

Em sambaquis no litoral norte de Santa Catarina aparece cerâmica Itararéna ilha de São Francisco (TIBURTIUS, 1954).

A fase Cambará teria se originado da tradição Tupiguarani da faixa costeira do Brasil. No Estado de São Paulo podem ser comparáveis à fase Cambará os sítios Jango Luis e Fonseca, nos municípios de Angatuba e Itapeva. Ainda em Itapeva há o sítio José Fernandes identificado por Maranca (1969).

A fase Tibagi também teria vindo de outra região para o Vale do Paranapanema. Pelos traços diagnósticos esta fase estaria ligada à subtradição Escovada que já seria de um período de contato com os europeus.

Segundo o autor, corresponderia a um retorno dos Tupiguarani ao território paranaense após os movimentos bandeiristas que culminaram com a destruição dos estabelecimentos jesuíticos do Guaíra entre 1631/2 (CHMYZ, 1969).

Neste estabelecimento jesuítico do Guaíra, estabelecida na foz do rio Piquiri, a cerâmica produzida foi foco de estudo de Watson (1947), Silva (1961/62) e Chmyz

(1963 e 1964). A cerâmica corrugada é a mais recorrente, contudo escavações posteriores na comunidade adjacente de Ciudad Real fundada em 1557 e destruída em 1631 foram encontradas em maior quantidade o escovado. Segundo o autor, houve uma mudança com o contato para o escovado e a cerâmica corrugada encontrada seria anterior.

Outros exemplos citados de cerâmica escovada em período de contato na região: Rio Paranapanema junto a foz do rio Pirapó um conjunto de sítios agrupados na fase Loreto. Redução jesuítica Nossa Senhora de Loreto datada de 1610.

Na redução de Santo Inácio Mini ou Ipaumbucu próxima a redução mencionada acima também há um predomínio de cerâmica escovada (BLASI, 1966). Além da comunidade espanhola de Vila Rica do Espírito Santo, estabelecida no médio rio Ivai em 1570 (BLASI, 1963).

Em 1982, foi defendida tese de doutoramento de Marilandi Goulart dentro do programa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em que são propostas análises físico-químicas de pasta e queima da cerâmica de cinco sítios localizados no Vale do Paranapanema. O trabalho pode ser considerado como pioneiro no país, uma vez que estudos de arqueometria não eram recorrentes e continuam sendo raros. Os resultados obtidos levaram a autora a caracterizar o material estudado como sendo típicos de grupos tupi-guarani, entretanto a autora não se propôs a identificar se seriam Tupis ou Guaranis.

No que se refere à pasta, Goulart (1982) defende que os (as) ceramistas não teriam realizado qualquer tipo de beneficiamento, uma vez que a composição granulométrica da matéria-prima é bem heterogênea, sugerindo a sua utilização em estado natural. A matéria-prima da pasta é composta predominantemente por quartzo, magnetita e ilmenita no que se refere à fração leve. Em relação à fração pesada a constituição mineral seria: turmalina, zircão, estauroлита, epidoto, granada, sillimanita, rutilo, andaluzita, hornblenda, titanita, hiperstênio, cianita e tremolita.

A partir de 1987, José Luiz de Moraes, assume a coordenação do Projpar, dando um enfoque com inspiração norte-americana de cunho regional delimitada pela micro-bacia hidrográfica do Paranapanema (ARAUJO, 2006). Nessa nova fase

passam a ser realizados levantamentos arqueológicos e ambientais em decorrência da existência de áreas sujeitas à implementação de usinas hidrelétricas.

No final da década de 80 ocorrem parcerias entre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e a Companhia Energética de São Paulo (CESP), sendo criado um núcleo de pesquisas do Projpar no município de Presidente Prudente ligado à Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) (FACCIO, 2011).

Thomaz (1995), associa as reduções jesuíticas datadas do século XVII no lado paulista do Paranapanema a três sítios arqueológicos, sendo eles Taquaruçu, Taquaruçu 2 e Alvim.

Faccio (1992) relata a presença de telhas jesuíticas associadas a material cerâmico e lítico no sítio Alvim. Contudo, a localização do sítio em área de solapamento do rio Paranapanema compromete esse tipo de associação (FACCIO, 2011). Essas reduções jesuíticas, conforme mencionadas anteriormente representaram os primeiros contatos entre os grupos indígenas que habitavam a região e os colonizadores.

Foram realizados ainda, estudos ligados ao licenciamento do gasoduto Bolívia-Brasil (GASBOL) no final da década de 90, que identificaram a presença de 75 sítios arqueológicos no estado de São Paulo, desses, 16 sítios localizam-se na região do Alto Taquari (DE BLASIS, 1998).

Novos estudos são realizados por Araujo (2001) delimitados pela micro-região do Alto Taquari, afluente da margem esquerda do rio Paranapanema. Nessa etapa foram localizados mais de uma centena de sítios arqueológicos, entre casas subterrâneas, abrigos rupestres, sítios líticos e cerâmicos. Dentre eles, encontra-se o sítio Branco, objeto de estudo desse trabalho.

Outro projeto ligado ao licenciamento da Linha de Transmissão Itaberá/Tijuco Preto, desenvolvido por Moraes (2002) teve grande relevância para o desenvolvimento das pesquisas na região, através da descoberta de inúmeros sítios arqueológicos. Moraes (2002) compreende o Estado de São Paulo como uma “faixa de atrito e interação entre grupos do Planalto Meridional (Guaranis), do Planalto Atlântico (Tupinambás) e do Planalto Central (Jês)”.

No ano de 2004, Kamase, defende dissertação de mestrado no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, em que estuda a presença de casas subterrâneas na bacia do Alto Taquari, na região de Itapeva e identifica que muitas das depressões encontradas são naturais ou têm uma origem antrópica recente. A pesquisadora também esboça um quadro cronológico para a ocupação Itararé na região e obtém a partir dos dados disponíveis datações mais recuadas que chegam a 1700 A.P.

Pesquisas realizadas entre os vales do Tietê e do vale do Paranapanema identificaram a presença de sítios associados à ocupação Kaingang (RODRIGUES, 2007). Em seu trabalho de doutorado, o autor seleciona três, entre os sítios encontrados para análise do material arqueológico. Além disso, é realizado um estudo da coleção etnográfica Kaingang sob salva-guarda do museu Vanuïre, localizado no município de Tupã.

A maioria (43,3%) apresentou base plana, seguido de arredondadas e cônicas. As panelas também estiveram mais presentes com 46,7%. Além disso, faz parte da coleção tigelas para beber e jarras para bebida. As superfícies foram alisadas, mas de forma descontínua, podendo ter sido utilizado um seixo, uma vez que as peças apresentam canaletas e estrias.

Em termos decorativos, o autor, destaca a intencionalidade da ceramista em aplicar pigmentos de fuligem a partir de um esfumaçamento que gera manchas pretas e que se espalha pela superfície da peça. Em alguns casos é realizada uma brunidura uniformizando as manchas e suavizando a superfície da vasilha. Em algumas peças foi observado o uso de incisões, principalmente nos lábios.

No que se refere aos sítios escavados, Rodrigues (2007), os resultados obtidos demonstram uma predominância de antiplástico com caco moído e mineral ou a presença de apenas um dos tipos mencionados. O alisamento recorrente em ambas as faces é o esfumarado. Apenas um sítio foi datado e o resultado foi de 570+-80 A.P. (RODRIGUES, 2007).

2.2. Tradição Aratu

A tradição tecnológica Aratu foi estabelecida por Valentin Calderón a partir do material cerâmico localizado em sítios prospectados na Bahia, Sergipe e Pernambuco (MARTIN, 1996). Após, foram encontrados sítios que apresentavam características semelhantes no Rio Grande do Norte, no Ceará, no Espírito Santo, no sul de Minas, no norte de São Paulo, em Goiás, Mato Grosso (MARTIN, 1996; PROUS, 1992). As datações que se obteve até o momento indicam uma ocupação mais antiga no estado da Bahia por volta do século IX que se estendem até o século XVII, sendo as datações pós-colonização europeia provenientes do Espírito Santo (PROUS, 1992).

Os sítios associados a essa tradição arqueológica apresentam grandes dimensões e se encontram instalados preferencialmente em regiões colinares próximas a rios de variadas dimensões (PROUS, 1992). A cerâmica não costuma apresentar decorações, mas são recorrentes os alisamentos. No caso dos sítios Aratu estudados no litoral capixaba nota-se a influência Tupi, com a ocorrência peças com engobo vermelho e traços vermelhos pintados sobre fundo branco, além de decoração plástica corrugada, ponteadada ou escovada.

Em Goiás e São Paulo são diagnosticadas a presença de vasos duplos (geminados) pequenos e bases perfuradas associadas à tradição Aratu. No estado de Minas Gerais a cerâmica Aratu se caracteriza pela presença de vasos grandes com cacos espessos, com urnas globulares com diâmetros de bojo que chegam a até 1m de diâmetro (PROUS, 1992).

Os vasilhames pequenos apresentam parede fina, bases perfuradas, que poderiam ser utilizados como cuscuzeiros e cachimbos tubulares. Um banho vermelho ocorre tanto nos vasos pequenos quanto os grandes. Na pasta é recorrente a presença de areia fina e grafita como antiplástico (PROUS, 1992). Em Goiás é recorrente a presença de cariapé como antiplástico (SCHMITZ, 2008).

As urnas funerárias são recorrentes, sendo sempre em forma piriforme e de dimensões médias de 75 cm de altura por 65 cm de bojo com abertura da ordem de 45 cm. Em alguns casos verifica-se a presença do corrugado. As demais vasilhas também apresentam forma piriforme ou globular (PROUS, 1992).

Em relação ao material lítico é recorrente a presença de “quebra-cocos”, lascas e machados de granito. Em Sergipe, alguns sítios apresentaram uma indústria de seixos com batedores e bigornas, além de percussão bipolar em calcedônia (PROUS, 1992).

No Norte do estado de São Paulo alguns estudos arqueológicos realizados nas últimas décadas têm identificado evidências que estariam associadas à Tradição Aratu. No município de Cardoso foram identificados sete sítios arqueológicos na bacia do Rio Turvo com cerâmica Aratu (FAVARELLI, 2010). Na região de Monte Alto, o sítio Água Limpa também teve o seu material cerâmico associado à Tradição Aratu, sendo este sítio também banhado por afluente do rio Turvo (FERNANDES, 2001). Na coleção foram identificados fragmentos com coloração preta e com polimento da superfície e forma globular, além da presença de urnas sem decoração e com forma semi-esférica (FERNANDES, 2001). As datações obtidas para o sítio Água Limpa apontam um longo período de ocupação do sítio que se estende de 1.424 A.P. a 375 A.P.

2.3. Tradição Tupiguarani

No que se refere à tradição Tupiguarani foi caracterizada por Chmyz em 1976, como sendo uma tradição cultural que apresenta cerâmica policroma (vermelha e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho, corrugada e escovada, sepultamentos secundários em urnas, machados de pedra polida e o uso de tembetás (ROGGE, 2004).

No período mais antigo os vasilhames apresentariam predominantemente pintura na porção superior, sendo que na porção inferior não era recorrente a existência de decoração. Em um período posterior a decoração plástica teria se tornado mais popular. Com a chegada dos europeus, a decoração “escovada” teria se disseminado entre os grupos Tupiguarani. Entretanto, as pesquisas realizadas nas últimas décadas têm demonstrado que esse quadro não é tão simples e estático quanto se acreditava anteriormente, mas sim que as diferenças estariam ligadas mais a aspectos regionais do que aos modelos gerais de fases e tradições (PROUS, 1992).

A cerâmica policroma é mais recorrente do estado de São Paulo para o Norte, sobretudo nas áreas litorâneas da região sudeste e nordeste, com extensões para o interior até o alto rio Araguaia. A cerâmica corrugada está presente no sul do Brasil e em países vizinhos, como o Uruguai, partes da Argentina ao longo dos rios Paraná, Uruguai e Prata, além do leste do Paraguai (ROGGE, 2004).

Entretanto, tais diferenças entre a cerâmica Guarani e Tupi, não ficam restritas ao tratamento de superfície. Brochado (1977; 1984) atenta para o forte contraste existente entre os estilos visuais (sobretudo no que se refere à forma) e à função dos vasilhames cerâmicos.

As diferenças também se estendem em relação ao ambiente ecológico ocupado e explorado por cada uma das tradições que pode refletir em uma base econômica diferenciada (BROCHADO, 1984; SCHMITZ, 1991).

Os sítios associados a essa tradição no Brasil Central estão em número inferior e dispersos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996). Schmitz e Barbosa (1985) interpretam essa presença minoritária como sendo resultado das dificuldades de ocupação de um espaço em que as tradições Aratu e Uru dominam fortemente.

Os sítios estudados até o momento têm demonstrado a existência de motivos pintados policromos nos estados do Mato Grosso e em Goiás, enquanto que motivos plásticos estão presentes nos sítios do Mato Grosso do Sul (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996). Esta variação estaria ligada a origem destes grupos, sendo os primeiros representantes da sub-tradição Guarani e os segundos da sub-tradição Tupinambá (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

No Estado de São Paulo, os limites para as ocupações Tupi e Guarani ainda não estão bem definidos. A área estudada pelo ProjPar tem sido associada à sub-Tradição Guarani (FACCIO, 2011). Contudo, recentemente sítios Tupi têm sido localizados no litoral norte do estado do Paraná (CHMYZ, 2010).

O mesmo autor associa as fases Cambará, Pirapó, Umuarama, Condor e Itacorá a sítios Tupi localizados nos vales dos rios Itararé, Paranapanema, Ivaí e Paraná (CHMYZ, 2010).

2.4. Tradição Itararé

A cerâmica Itararé caracteriza-se pelas formas simples, pela baixa capacidade volumétrica e com forma geral globular ou elíptica (ROGGE, 2004). A altura dos vasilhames raramente ultrapassa os 30 cm de abertura do bojo. Tais características apontam que os vasos não eram utilizados para o armazenamento de alimentos, ao contrário do que se vê na cerâmica Tupi e Guarani (ROGGE, 2004).

As bordas apresentam contorno simples e borda direta ou com contorno infletido com variações limitadas. O alisamento é geralmente fino. As formas infletidas podem ser rasas ou aprofundadas. Nas rasas é frequente a presença de bordas com reforço (ROGGE, 2004).

Nas formas infletidas aprofundadas são frequentes o polimento ou brunidura e uma ampla gama de padrões decorativos plásticos, podendo ocorrer uma justaposição de decorações (ROGGE, 2004). Tal polimento pode chegar a um aspecto de vitrificação.

A decoração plástica é composta por ungulado, ponteadado, beliscado e impressos com cestos. Há um aumento na proporção e variabilidade da decoração plástica na medida em que se aproxima do limite meridional da sua distribuição. A decoração pintada nas paredes é pouco usual, ocorrendo algumas vezes apenas um engobo vermelho (ROGGE, 2004).

Considerando a gama de povos que estavam presentes no Vale do Paranapanema e os contatos que eram inevitáveis procuraremos discutir a seguir como as migrações e interações ocorrem.

Capítulo II – Migração e Interações

Ao longo de mais de 40 anos de pesquisas arqueológicas no vale do Paranapanema uma gama de evidências de contato e interação entre as sociedades que ali habitavam foram acumuladas. Contudo, raramente tais interações foram objeto de estudos mais aprofundados (ROGGE, 2004).

A interação social e cultural entre grupos humanos é um fenômeno universal e que certamente ocorre ao longo de toda a história da humanidade em maior ou menor grau, sejam elas mais pacíficas ou mais conflituosas (ROGGE, 2004).

Um dos trabalhos pioneiros em levar em consideração as interações entre povos foi o de Kossina de 1911 que propunha uma noção de cultura arqueológica baseada na difusão de traços materiais (KOSSINA apud. TRIGGER, 1992). A crítica que se faz aqui é o alto teor ideológico nesse trabalho que busca legitimar a expansão da Alemanha a partir da alegada superioridade ariana que estaria refletida em uma longa dominação histórica na Europa (TRIGGER, 1992).

Posteriormente Gordon Childe, na década de 20, se aprofunda nas questões de interações entre diferentes culturas ao aliar dados arqueológicos e históricos e com base na noção de cultura arqueológica, migração, difusão e contato.

Mais recentemente além de dados arqueológicos e históricos, pesquisadores como Anthony, 2007, têm aliado dados etnológicos, linguísticos e biológicos para a construção de uma história da origem dos povos europeus.

No Brasil, os trabalhos arqueológicos que pensaram a questão de contato envolve basicamente o contato entre os indígenas nativos e as populações europeias durante o período colonial (ROGGE, 2004). O estudo da interação entre os povos indígenas ainda é escasso.

Ainda que evidências de contato entre populações pré-históricas venham sendo observadas desde as primeiras pesquisas arqueológicas realizadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) na década de 60.

Contudo essas interações foram tratadas de forma superficial havendo uma preocupação maior com as inter-relações entre as populações, ainda que as explicações para a variabilidade material estivessem mais relacionadas a movimentos migratórios que se refletiam na difusão de elementos culturais. Esses processos eram quase sempre explicados a partir de mudanças culturais.

Entretanto, o que muitas vezes seria interpretado como uma mudança cultural poderia ser resultado de processos deposicionais ou pós-deposicionais como a sobreposição de ocupações ou bioturbações na estratigrafia. Ou ainda, um elemento cultural novo poderia ser reflexo de casamentos entre grupos distintos.

O trabalho pioneiro a abordar a questão da interação entre populações foi desenvolvido na região Centro-oeste por Erika Robrahn-Gonzalez que coloca essa região como sendo uma área de confluência para deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas das regiões do entorno em período anterior a chegada europeia (1996).

As relações extra-grupais que teriam ocorrido nessa região teriam desencadeado processos culturais que envolveriam praticamente todos os grupos ceramistas arqueologicamente identificados na região, ocasionando em fusão de novas unidades socioculturais em alguns casos e em outros a autonomia (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Essas relações estariam evidenciadas a partir de evidências de sítios arqueológicos em que estão presentes elementos de padrões pertencentes a grupos distintos em um mesmo contexto mostrando uma convivência entre grupos distintos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; ROGGE, 2004).

Brochado (1989) constata um ponto importante em relação às migrações em que os grandes deslocamentos humanos não ocorrem de maneira em que toda uma população deixe de ocupar uma determinada região. O que ocorre são crescimentos populacionais que obrigam a um deslocamento de parte do grupo em busca de novos recursos (BROCHADO, 1989).

Esses deslocamentos aconteciam de maneira contínua ao longo da história indígena a partir de um centro que não se extinguiria com as sucessivas movimentações, nomeado como deslocamento expansivo (PEREIRA, 2011). Esta movimentação seria resultado de crescimento demográfico a partir da agricultura (RENFREW, 2000). Contudo, tais movimentações são difíceis de serem visualizadas arqueologicamente.

2.1. Migrações em Itapeva – Aldeamento São João Batista do Rio Verde

A região do Paranapanema passa a ter uma preocupação por parte da Coroa a partir da segunda metade do século XVIII em decorrência de uma ameaça

espanhola. Contudo, o que foi encontrado na região foram povos indígenas e doenças (CORRÊA, 2013).

A referência mais antiga e geograficamente mais próxima da área do aldeamento São João Batista do Rio Verde refere-se a sesmarias concedidas a Luiz Pedroso de Barros e Maximiniano de Góes Siqueira. Em 1725 solicitaram terras localizadas ao longo da estrada que ligava Sorocaba à Curitiba. Essa área pertencia aos atuais municípios de Itapeva, Itararé e Apiaí.

O município de Itapeva da Faxina foi criado em 1769 por Antonio Forquim Pedroso com a intenção de tornar a ocupação da capitania mais concentrada e protegida de ataques dos povos indígenas.

Em 1808 foi autorizada uma guerra contra os indígenas que encontravam-se nas matas de Itapeva e Bugres do Paraná. Essa medida atendia às aspirações do Estado que tinha interesse em reservar uma parte da mão de obra aprisionada para si, quanto às dos fazendeiros de Itapeva que poderiam se apropriar de mais terras e de mão de obra indígena.

Em Itapeva houve uma entrada maior nas matas por volta de 1830. Os Kaingang foram os únicos segundo Corrêa, 2013, a resistirem na região. Os guarani migraram no século XIX do sul do Mato Grosso em direção ao litoral.

Entretanto, apenas na metade do século XIX com um aumento populacional do município é que houve um avanço da agricultura e por consequência um aumento na invasão das matas ocupadas pelos povos indígenas. Houve um recuo por parte dos Guaianá mais para o Oeste como resposta a conflitos com os fazendeiros. Estas terras foram ocupadas por grupos Guarani vindos do Mato Grosso.

Há relatos de Machado de Oliveira, diretor da diretoria geral dos Índios da existência de um grupo Caiuá, pertencente ao tronco linguístico Tupiguarani, alojado na margem esquerda do rio Taquari nas proximidades da vila de Itapeva da Faxina que trocava produtos colhidos na região como cera e mel com moradores da região por ferramentas e vestuários. Esses Caiuá teriam migrado a partir do Mato Grosso e seria descendentes das missões jesuíticas do Guairá destruídas no início do século

XVII pelas bandeiras organizadas por Raposo Tavares e Manuel Preto e que estariam seguindo em direção ao litoral em busca da “Terra Sem Males”.

A partir da década de 1840 houve forte empenho dos fazendeiros e negociantes da região em aldear os povos indígenas remanescentes na região, sobretudo os Guarani considerados “mansos”. Sendo assim, a partir de 1845, os sertanistas de Barão de Antonina adentraram nas matas na tentativa de convencer os grupos Guarani a se fixarem no aldeamento indígena de São João Batista do Rio Verde.

Os Guaianá, habitantes históricos da região foram mortos, escravizados ou expulsos, enquanto os Caiuá e Guaranis foram impedidos de seguir a sua marcha ao litoral e aldeados para servir como mão de obra na agricultura local.

O aldeamento São João Batista do Rio Verde localizava-se entre os rios Verde e Itararé, enquanto que as áreas do entorno passaram a ser ocupadas por agricultores vindos de outras regiões (CORRÊA, 2013). A área estimada do aldeamento era de aproximadamente 43.560 hectares. Abaixo segue o mapa com a localização do aldeamento.

Juntamente com a criação do aldeamento foram nomeados diretores, missionários e tesoureiros, contudo tais cargos ficaram vagos por anos. Segundo Corrêa (2013) os próprios índios se dirigiam ao Rio de Janeiro para reivindicar junto à Diretoria Geral dos Índios seus direitos e denunciar a invasão praticada por terceiros à suas terras.

Era prevista a presença de um cirurgião de botica encarregado dos instrumentos cirúrgicos e da enfermaria e da aplicação de vacina contra varíola, contudo esse cargo nunca foi ocupado. A existência de um clérigo que também constava no regulamento nunca foi constante no aldeamento.

Abaixo, segue mapa representando a inserção do aldeamento São João Batista do Rio Verde no Estado de São Paulo na região do vale do Paranapanema inserido no rio Itararé.

Estima-se que até 1901, 16,66% do perímetro do aldeamento sofrera invasão. Em 1930, 47,39% da área original havia sido invadida.

Segundo Corrêa (2013), a exceção teria sido o frei que esteve presente no momento da fundação do aldeamento, frei Pacífico de Monte Falco. Os religiosos que ocuparam o cargo posteriormente não chegaram a permanecer no posto por período superior a um mês.

O recenseamento realizado no Aldeamento de São João Batista do Rio Verde era sempre registrado de forma aproximada, contudo, a população indígena alcançou seu ápice em torno de 1862 com mais de mil habitantes. Esse número foi gradativamente diminuindo chegando a 150 habitantes em 1912. A presença do frei Pacífico pode ser um indicativo para o aumento de migração na década de 60.

Não há muitos registros acerca da proveniência étnica da população do aldeamento. Quando foi criado em 1845 havia apenas índios Caiuá e outros Guarani de origem não mencionada. Em 1900 havia três grupos Guarani, sendo dois Caiuá e outro grupo Apapocúva (Nandéva).

As migrações dos índios aldeados era constante. Muitos saíam para visitar outros grupos em outras localidades e regressavam. Em outros casos desavenças internas levavam a dissidências que ocasionavam a divisão e, por consequência, a busca por novas terras. Honório Araguyraá, por exemplo, morava na parte setentrional do aldeamento e ao ser acusado de feitiçaria por outros índios emigra com o seu grupo para o sertão de Bauru (NIMUENDAJU, 1954 apud. CORRÊA, 2013).

Nimuendaju, 1987, relata que em 1860 um grupo Oguauíva (Caiuá) emigrou do aldeamento para o litoral, tendo parte se deslocado para as cabeceiras do Rio Preto, próximo a Itanhaém e outros para Mongaguá. Nesse sentido São João Batista do Rio Verde constitui-se como um ponto de parada de grupos Guarani em deslocamento.

Em meados do século XIX houve uma intensificação da entrada de escravos africanos e na década de 1880 na entrada de imigrantes. Contudo, na região de

Itapeva e em outras que não eram produtoras de café, o indígena é empregado em associação à mão de obra familiar e trabalhos temporários.

Entretanto, no final do século XIX a demanda por esse tipo de trabalho foi diminuindo e o interesse pela posse das terras do aldeamento aumentando. Os documentos que estabeleciam a doação efetuada pelo Barão de Antonina desapareceram de forma conveniente.

Havia também bastante animosidade com a população local. O estranhamento de costumes indígenas auxiliavam no aumento das interpretações preconceituosas. Embora não houvesse qualquer documento relatando ato agressivo por parte dos Guarani havia desconfiança e medo de ataques indígenas por parte da população.

Em 1912, quando Nimuendaju transfere os índios do aldeamento São João Batista do Rio Verde para o Posto Indígena de Araribá em Bauru aponta a mescla de elementos Apapocúva e Kayguá (Mbüá) entre os Caiuá.

Em 1930 o aldeamento se resume a 5809,59 alqueires denominado Núcleo Colonial Barão de Antonina, mas deixa de receber proteção legal.

Capítulo III – A área de pesquisa

3.1. Caracterização da área de estudo

A Área Alto Taquari está situada no sudeste do Estado de São Paulo, próxima à divisa com o Estado do Paraná, fazendo parte do alto curso do Rio Paranapanema. A área, que compreende 1.440 km², se estende dos contrafortes da Serra de Paranapiacaba a sul até o início da Depressão Periférica a norte, aproximadamente entre as coordenadas 23° 57' e 24° 16' latitude S e 49° 00' e 49° 13' longitude W.

Abaixo segue mapa com os sítios cerâmicos existentes na área do Alto Taquari. Nota-se uma predominância de sítios Itararé em detrimento de sítios Tupiguarani.

Mapa 1: Sítios Cerâmicos do Alto Taquari

Fonte: Elaboração própria. Mapa processado no software QGIS Desktop, Versão 2.6.1 (2015).

Do ponto de vista ambiental, a porção centro-sul abrange rochas pré-cambrianas bastante dobradas que formam a Serra de Paranapiacaba (Zona do

Planalto de Guapiara). Esta porção está sujeita a altos índices pluviométricos e frequentes frentes polares. Aliado a esses fatores ao intemperismo abundante sobre as rochas pré-cambrianas, observamos um cenário propício para a formação da floresta tropical úmida latifoliada de encosta com uma fração significativa de araucária (*Araucaria angustifolia*). A porção noroeste/oeste da área apresenta características ambientais completamente contrastantes, com um relevo formado por platôs areníticos cuja decomposição resulta em solos bastante pobres, recobertos por uma vegetação original de cerrado arbóreo (cerradão) e matas-galeria ladeando os cursos d'água. A transição entre os platôs areníticos e o embasamento nesta porção da área é bastante abrupta, na forma de cânions com várias dezenas de metros de profundidade. A porção nordeste, por sua vez, apresenta um relevo mais suave, com “manchas” de rochas pré-cambrianas aparecendo entre lacunas na cobertura sedimentar fanerozóica. Aqui a presença de manchas de cerrado entre a floresta latifoliada parece ter sido a característica principal (ARAÚJO, 2001).

3.2. O sítio Bianco

Nosso objeto de estudo situa-se no sudeste do estado de São Paulo, na região do Alto Paranapanema, no município de Itapeva pertencente à mesorregião de Itapetininga, a 350 m de um afluente do Alto Rio Taquari Guaçu, que por sua vez é afluente do Rio Paranapanema pertencente à bacia do rio Paraná.

Trata-se de um grande sítio lito-cerâmico, com dimensões aproximadas de 200 m x 80 m e altitude de 730m, na forma anelar, situado em um divisor de águas localizado nas coordenadas 22J 0708918 / 7340525 (Mapa 2).

Localização Topográfica do Sítio Bianco Município de Itapeva (SP)

Organizado por: Roberto Montenegro Perrotta

Mapa 2: Localização do Sítio Bianco - Itapeva (SP)

Fonte: Elaboração própria. Mapa processado no software QGIS Desktop, Versão 2.6.1 (2015).

A implantação do sítio em área de divisor de águas foge ao padrão recorrente no Médio curso do Paranapanema em que sítios arqueológicos ocorrem em encosta de vertente suave. Embora estas feições geomorfológicas ocorram na área os ocupantes do sítio não fizeram esta escolha para se instalarem.

Abaixo segue implantação do Sítio Bianco na paisagem. As bandeirolas indicam a localização das peças distribuídas no sítio. Posteriormente, cada peça foi coletada individualmente com as coordenadas geográficas. (Foto 1).

Foto 1.

Fonte: Rafael Bartolomucci, 1999.

A importância do Sítio Bianco reside principalmente em sua posição geográfica, que difere dos padrões para a região, e nas discussões referente à sua filiação às tradições tecnológicas arqueológicas existentes na região. Inicialmente o sítio foi associado à tradição tecnológica Tupiguarani, que se confirmado, seria o sítio Tupiguarani mais meridional do Alto Taquari, estando muito próximo de sítios atribuídos à Tradição Itararé-Taquara, sendo, portanto, se confirmado, um delimitador da faixa de “fronteira” entre Tupiguarani e Itararé.

Contudo, a partir de dados divulgados no artigo de Schmitz (2008) em que o autor aponta a existência de um sítio arqueológico com predominância de elementos vinculados à tradição tecnológica Aratu com influência Itararé, localizado no município de Apucarana/PR, Astolfo Araújo levantou a hipótese, ainda não testada, de que o sítio Bianco, pudesse estar associado à tradição tecnológica Aratu, em decorrência das características do material cerâmico (com. pessoal) e das

semelhanças da implantação topográfica entre o sítio Bianco e o sítio Aratu de Apucarana. Nesse caso as relações de grupos indígenas e suas fronteiras se tornariam mais complexas na região.

Atualmente, a distância entre o sítio Residencial Interlagos localizado em Apucarana/PR e o sítio Bianco localizado em Itapeva/SP via rodovia BR-369 é de aproximadamente 400 km. Nesse intervalo geográfico, não há registro de sítios associados à Tradição Aratu.

Em decorrência das condições de visibilidade existentes à época da prospecção¹, o sítio Bianco foi submetido ao método de coleta de superfície com proveniência individual de peças. As medições das coordenadas das peças se deram através do uso de teodolito. O método utilizado serviu como referência do potencial informativo de sítios de superfície contrariando o senso comum entre pesquisadores da área de que esse tipo de sítio teria baixo potencial informativo em função da exposição a agentes antrópicos desses artefatos (ARAUJO, 2002).

No total foram registrados, resgatados e catalogados 2664 fragmentos cerâmicos, sendo majoritariamente compostos por peças não decoradas, exceto por algumas pintadas e pela presença de poucas bordas unculadas. O sítio foi arado de forma ininterrupta por 30 anos, principalmente por tração animal, e os fragmentos se apresentam bastante pequenos, impedindo reconstituições de forma. O material lítico lascado ocorre em pequena quantidade, mas pode ter sido retirado seletivamente por curiosos, segundo o proprietário do terreno. Há relatos da presença de uma peça polida, possivelmente um tembetá, contudo durante as etapas de campo não foi possível o acesso a essa peça.

O sítio Bianco foi alvo do método de coleta de superfície com proveniência individual das peças (CSPI) que consiste no registro de cada uma das peças através de um sistema de coordenadas (ARAUJO 2001; 2002).

Tal método, aliado ao uso de mapas de densidade gerados pelo programa de computação *Surfer* possibilitaram a conclusão de que se trata de um sítio com formato anelar, com seis concentrações de peças, além de três outras periféricas

¹ As escavações no sítio Bianco foram realizadas entre junho e setembro de 1999 (Araújo, 2001; Araújo, 2002).

que não puderam ser determinadas em decorrência da cobertura vegetal (ARAUJO, 2001; ARAUJO, 2002).

Araujo (2001; 2002) interpretou essas concentrações cerâmicas através de duas hipóteses. A primeira relaciona áreas de descarte a unidades habitacionais discretas. A segunda hipótese seria de que as áreas de habitação teriam sido abandonadas de maneira abrupta, onde as vasilhas teriam se quebrado *in loco* e ali teriam permanecido.

Datação

Durante a etapa de campo não foram encontrados vestígios de fogueira que poderiam ser utilizados para obter a datação do sítio Bianco, sendo assim optou-se pela envio de quatro amostras de carvão presente na cerâmica para o laboratório *Beta Analytics localizado nos EUA*.

Dentre elas, apenas uma delas se mostrou viável, amostra presente no fragmento 986. A datação obtida foi de 770 ± 30 AP (Beta 390821). Essa data calibrada pelo programa *Cal Pal*, é de 720 ± 30 AP.

Capítulo IV – Métodos

A análise proposta para o material cerâmico foi da totalidade dos fragmentos resgatados com o uso de microscópio para a identificação do antiplástico presente na pasta. As etapas de curadoria e triagem foram realizadas em momento anterior.

Inicialmente pretendia-se desenhar e projetar as bordas e bases a partir dos cacos, contudo o alto grau de fragmentação não permitiu, uma vez que em decorrência do estado de conservação não haveria um grau elevado de confiabilidade nos resultados. Por fim, foi realizado o processamento e interpretação dos dados.

Da totalidade de 2664 fragmentos cerâmicos resgatados a análise binocular realizada foi completa independentemente de se tratar de um fragmento considerado diagnóstico ou das dimensões da peça. Ainda, foram identificados 71 líticos e um cachimbo em metal que não foram alvo de análise.

Nessa etapa foram considerados os seguintes atributos tecnológicos: parte anatômica do vasilhame, técnica de manufatura, morfometria dos grãos do antiplástico, espessura, proporção e distribuição de antiplástico na pasta, aspecto da queima do fragmento, estado de conservação, tratamento de superfície, marcas e sinais de uso, decorações plásticas e/ou crômicas, espessura do fragmento, formato e espessura do lábio (quando houver), estimativa do diâmetro do pote (quando houver a borda ou base), e morfologia do pote quando for possível determiná-la.

Em decorrência do grau de erosão e de fragmentação da indústria cerâmica do sítio Bianco os aspectos técnicos foram privilegiados no trabalho em detrimento das projeções dos potes e estimativas de forma e volume, conforme mencionado anteriormente.

Abaixo seguem as especificações e possibilidades de análise de cada um dos itens elencados acima e que foram adotadas durante o estudo da coleção do sítio Bianco.

4.1. Parte Anatômica do Pote

Refere-se à porção do pote que está sendo observada. O fragmento pode pertencer à parte de um pote quebrado ou de outro instrumento cerâmico como um fuso, um cachimbo, um adorno, entre outros. Assim pode-se pontuar a variedade do conjunto cerâmico existente no sítio. Uma peça como, por exemplo, um apêndice ou uma asa é parte de um pote cerâmico, e não uma categoria distinta (Apêndice III).

No caso do artefato ser um fragmento de um pote cerâmico foi pontuado qual a porção do pote a que corresponde, seja lábio, borda, parede (quando há inflexão procuramos estabelecer se trata-se do bojo superior ou inferior) ou base.

4.2. Técnica de Manufatura

Existe uma gama de técnicas que podem ser empregadas para a confecção da cerâmica. Geralmente, dentro dos grupos indígenas contemporâneos produtores de cerâmica tradicional, são duas as técnicas mais utilizadas: o modelado e o acordelado. Em alguns artefatos pode ocorrer o uso de uma ou mais técnicas de produção ao mesmo tempo.

Durante o processo produtivo, o pote começa a ser feito pela base. Uma certa quantidade de argila é separada, sobre uma superfície plana ou entre as mãos, até formar uma base achatada, aproximadamente circular. Em alguns casos, o fundo pode ser também formado a partir de uma extremidade do rolete. Sobre esta base os roletes são sobrepostos, um a um, e comprimidos com as pontas dos dedos, ou outro instrumento. Entre o grupo que habitou o sítio Bianco identificamos a partir da análise binocular que as evidências sugerem predileção pelo uso da técnica do acordelado.

A técnica de acordelamento consiste no uso de roletes de argila que de forma sobreposta ou espiralada, dão a forma pretendida pelo artesão. Os Guarani - grupo Tupi situado ao sul da América Latina - utilizavam uma esteira, ou outro tipo de suporte para a confecção destes (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Pode-se notar esta técnica através de trincas paralelas à circunferência da boca do vasilhame, justamente na junção entre os roletes.

Na técnica de manufatura modelada é utilizada uma parte da argila e a partir dela, com os dedos, a argila é modelada de acordo com o artefato que se pretende

obter (CHMYZ, 1976; LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Quando ocorre a quebra, a mesma se apresenta disforme, resultado da inclusão de porções de argila na medida da necessidade, ou regular, como em uma base modelada para um vasilhame, que terá forma circular compacta.

A importância da técnica de manufatura reside no fato de viabilizar o conhecimento do modo de produção que está sendo adotado pelas (os) ceramistas e se há especificidades para um determinado tipo de artefato. O fato de a coleção cerâmica do sítio Bianco encontrar-se bem erodida e impossibilitar reconstituições de forma acabam por privilegiar esse atributo.

4.3. Tipos de Antiplástico

A argila que é coletada, seja diretamente pelo artesão, ou por algum ajudante, que normalmente é um parente próximo, requer tratamento, tanto para o acréscimo quanto para a retirada de elementos que deem o resultado desejado a partir de escolhas sócio-culturais.

Os elementos presentes na argila podem ser tanto de origem orgânica, como fibras vegetais (palha, raízes), ossos moídos e estrume, quanto minerais como conchas esfareladas ou espículas calcinadas de esponjas (como o cauixi), grãos de quartzo, mica, feldspato, pedras calcárias, areia, entre outros. Ainda são utilizados como antiplástico materiais transformados pelo artesão como cacos cerâmicos triturados, estes também conhecidos por chamote.

Nem sempre é possível avaliar se os elementos presentes na cerâmica foram adicionados ou se já estavam presentes na argila, exceto quando se trata de caco moído ou casca de árvore (também denominado de caraipé) que não teriam como estar na pasta de outra maneira.

Abaixo segue tabela elaborada a partir da revisão da literatura pertinente ao tema que apresenta as principais contribuições de alguns antiplásticos presentes na pasta (Tabela 1):

Tabela 1: Principais contribuições de alguns antiplásticos presentes na pasta.

Descrição	Características	Fonte
Antiplástico fibra	Aumento permeabilidade da água (cria grandes poros em potes já queimados, mantém fresca a água); estrutura laminada (análise petrográfica) resultado de preparação inadequada da argila – falha na mistura de argila e tempero ocorrida na argila ainda molhada; secagem rápida de argilas excessivamente molhadas ou plásticas – em áreas úmidas ou com grande quantidade de chuvas a argila costuma ser muito molhada para a manufatura dos potes. O acréscimo de tempero reduz o excesso de água e diminui a plasticidade as vezes chegando ao ponto da argila poder ser trabalhada imediatamente. Se a secagem da argila era o critério principal do uso do tempero fibroso então a quantidade de fibras deve variar enormemente de pote para pote dependendo da umidade original da argila utilizada. O uso desse tempero diminui o tempo de secagem até talvez o pote poder ser feito de uma só vez.	SCHIFFER E SKIBO, 1992:61.
Antiplástico orgânico	Melhora a plasticidade da pasta e ritmo de secagem; melhora a resistência das paredes curvas resultantes de sua textura fibrosa e leve, maior força na argila molhada em potes pequenos possibilitando uma construção mais rápida; maior esforço e tempo gasto no processamento (moagem). Tempero orgânico aumenta a resistência de materiais ainda não queimados (chamados argilas verdes).	REID 1984 IN SCHIFFER e SKIBO 1992:61.
Caraipé	Cinzas de cascas de árvores silicosas, também classificado como bio-sílica.	RYE, 1981, p. 34.
Carvão Vegetal	Restos carbonizados de madeira ou lenha misturados à argila.	
Cauixí	Melhor queima uniformidade; melhor resistência ao choque térmico (segurança durante o processo de cozimento e de secagem); melhor resistência ao impacto (maior solidez).	HILBERT, 1955:35 em entrevista com ceramistas do Oriximiná.
Grãos Minerais	Alta resistência ao choque térmico, maior capacidade de aquecimento, diminuição da resistência ao impacto; secagem mais rápida que a do tempero orgânico. Diminui a resistência da argila ainda não queimada.	SCHIFFER e SKIBO 1992: 52.
Silica (SIO ₂)	Grande diversidade na natureza. O quartzo, que ocorre em a maioria rochas e de sedimentos não consolidados, pode ser encontrado em toda a cerâmica, salvo que na origem das regiões com formações calcárias. Na cerâmica, é refratário a menos que elementos tais como o sódio, o potássio, o cálcio, e o magnésio estejam presentes, atuando como fluxos. O quartzo submete-se a uma inversão cristalina em 573°C, mudando sua estrutura do molécula e aumentando o tamanho dos cristais. O quartzo Alfa (forma de baixa temperatura) ocupa um volume menor que o quartzo Beta, então a inversão pode criar tensões na manufatura. Se os grãos de quartzo forem grandes, uma série de linhas radiais de rachaduras irão se formar. Todos os outros minerais se expandem quando aquecidos e se a sua expansão for consideravelmente maior que o do próximo, um padrão similar de rachaduras será produzido. Isto sugere que inclusões de quartzo seriam prejudiciais em potes de baixo-fogo, que podem ser expostos a temperaturas mais altas do que isto cada vez que são utilizadas com conseqüente perigo da fratura.	RYE, 1981:34, 107.
Feldspato	Os feldspatos são um dos minerais mais ricos em sílica, e por isso se apresentam como principais formadores dos minerais	RYE, 1981:35

	de argila, mas raramente se apresentam como grãos na fonte de matéria-prima e quando isso ocorre, os mesmos podem ter sido utilizados como aditivo na pasta cerâmica. Nesse caso, os feldspatos apresentam como grãos e predominam na pasta cerâmica sob forma triturada e angular com dimensões variadas (Garcia, 2010). Rye (1981) indica que durante a queima o feldspato teria a sua expansão menor ou igual à argila, conferindo resistência ao corpo cerâmico durante o processo de queima (RYE, 1981, p.31). Tal fato estaria associado à composição química do feldspato formada pelas diferentes proporções de potássio (K), sódio (Na) e cálcio (Ca). Segundo Rice, a presença desses elementos, na família dos feldspatos alcalinos e na argila derivada dos mesmos ajudaria a determinar as características de queima (2005, p.35).	
Mica	As micas ocorrem naturalmente em muitas argilas e sua estrutura de cristal é estreitamente relacionada àquelas dos minerais da argila. As micas pobremente cristalizadas podem melhorar a plasticidade das argilas. Algumas micas fundem em temperaturas relativamente baixas, mas pouca fusão útil pode ser esperada abaixo de 1000°C. É pouco susceptível de ter sido adicionado intencionalmente como um material de moderação no passado	RYE, 1981:35

Fonte: Elaboração própria.²

4.4. Porcentagem e Distribuição dos Grãos de Antiplástico

O objetivo neste atributo é estimar a forma, frequência e a distribuição e porcentagem dos grãos minerais, além da dimensão e o diâmetro dos grãos incluídos, observando os desenhos esquemáticos (Ver Apêndice I).

A análise da porcentagem e distribuição dos grãos do tempero presentes no vasilhame auxilia na compreensão da plasticidade da argila (SCHIFFER; Skibo, 1997), assim como o tratamento de superfície (ORTON, TYERS; VINCE, 1993).

4.5. Aspecto do Antiplástico

O aspecto do antiplástico auxilia no delineamento da sua origem, se natural, quando seu contorno se apresentar mais arredondado como um seixo ou cultural, quando estiver com ângulos pode ser em decorrência da trituração para a inclusão (Ver Anexo I).

No caso de ser cultural, isso indica a preocupação do artesão com a performance que seu pote terá de acordo com o tipo de uso que se pretende dar ao mesmo (SILVA, 2000).

² A tabela foi adaptada a partir de material de referência (circulação interna) utilizado na empresa Scientia Consultoria.

4.6. Aspecto da Queima

Ao se falar em queima é importante ressaltar que esse processo altera as propriedades físico-químicas da argila. Tem como objetivo sujeitar os vasos a um calor por um tempo suficientemente longo que assegure a completa destruição dos cristais minerais da argila. As temperaturas mínimas para cada tipo de argila que variam entre 300° e 700° C (RICE, 1987). Acima da temperatura de fusão de cada argila esta adquire as características próprias da cerâmica: dureza, porosidade e estabilidade em frente a uma larga escala de circunstâncias físico-químicas (RYE, 1981).

Entre os povos indígenas do Brasil, o único tipo de queima conhecido é aberta ou ao ar livre que não exige uma construção ou manutenção de estruturas, e requer grande cuidado e habilidade para ser bem sucedida. Diversas variações destas podem ocorrer, em função do combustível, quantidade e tamanho dos vasilhames queimados entre outros (SILVA, 2000).

Desde o início do processo de queima até ser obtido o produto final, a argila passa por diferentes processos, de acordo com a temperatura atingida. Ocorrem cinco estágios para a queima aberta são: fumaça de água; decomposição de baixa temperatura, decomposição e agregação do mineral-argila, combustão orgânica e resfriamento.

O primeiro estágio consiste no processo de evaporação da água ainda presente após a secagem, e encontra-se em escalas de temperatura próximas a 120°C. Se este aquecimento ocorre muito rápido, a água transforma-se instantaneamente em vapor e a pressão resultante pode quebrar o vaso. A presença de barbotina ou engobo também diminui o tamanho dos poros pelos quais a água evapora, levando a necessidade de um aquecimento mais demorado.

A decomposição em baixa temperatura ocorre próxima aos 350°C. Qualquer material orgânico, naturalmente presente ou adicionado à argila encontra-se completamente carbonizado a esta temperatura.

O terceiro estágio ocorre geralmente entre 400° e 850°, mas varia de acordo com os minerais presentes. Os minerais de argila se decompõem em um processo

chamado “aglomerado”. Por exemplo, a caulinita (ou tabatinga) começa este processo aos 415°, mas exige semanas para ficar completa. Se a temperatura elevar-se a 550° o tempo para a reação completa diminui para uma hora e meia.

A combustão orgânica ocorre em temperaturas superiores a 500°. Invariavelmente toda cerâmica contém matéria orgânica, que começa a decompor-se próximo a 200°. Quando a temperatura chega a 500°, o carbono na superfície queima; se ele aumenta e fica constante por certo tempo, a combustão estende-se às paredes. Em condições apropriadas de oxidação, todo o carbono, exceto grafite, é removido à 900°.

O resfriamento nas queimas ao ar livre começa logo que a temperatura máxima começa a diminuir. A vasilha pode ser retirada assim que o fogo se extingue, o que ocorre devido à necessidade de procedimentos que necessitam da cerâmica ainda quente para terem um bom efeito, como na aplicação de resinas vegetais nos potes do grupo, como ocorre entre os Asuriní do Xingu (SILVA, 2000). Não ocorrendo a aplicação de resinas vegetais, é frequente que o artesão ou artesã aguarde até o esfriamento completo do pote.

O resultado material do processo de queima está relacionado à atmosfera em que o pote foi queimado e a composição da argila, conforme pode ser observado:

1. Atmosfera oxidante, matéria orgânica ausente: As peças queimadas sob condições inteiramente oxidantes e feitas para materiais que não contenham nenhuma matéria orgânica terão uma secção transversal de cor uniforme. A cor da superfície pode variar se uma porção do pote estava no contato direto com a chama enquanto outras partes foram protegidas. Neste caso, a diferença de temperatura nas variações atmosféricas conduz a diferenças na cor.
2. Atmosfera oxidante, com presença de matéria orgânica: A argila pode conter até 20% de matéria orgânica, porém os valores típicos encontram-se inferiores a 10%. A cerâmica queimada em condições oxidantes com oxidação incompleta do carbono terá um núcleo cinza ou preto, distinto da cor da superfície ou da subsuperfície imediata. As margens do núcleo serão difusas e graduais até a cor da superfície. Esta estrutura do núcleo é típica na maioria das cerâmicas não vitrificadas com queimas do tipo aberta.

3. Atmosfera reduzida ou neutra, matéria orgânica ausente: Nas queimas ao ar livre, o acesso do ar deve ser completamente impedido, cobrindo as partes da vasilha a serem enegrecidas com cinza, serragem, grama ou outro material similar. Isso é feito depois que os potes alcançaram a temperatura máxima e começam a resfriar. Se não existem materiais orgânicos presentes na argila, a deposição de carbono não se estenderá até o centro se os poros forem muito finos. Argilas finas podem apresentar o efeito de “núcleo reverso”, onde o centro começa vermelho e a superfície tem a aparência escura. Uma margem difusa separa o núcleo da camada exterior. Este efeito pode ser igualmente produzido se os potes completamente oxidados estão sendo usados para cocção e a superfície exterior é enegrecida pela redução de gases oriundo do fogo para cozinhar.
4. Atmosfera reduzida, com presença de material orgânico. Se um pote contém originalmente material orgânico e foi exposto a uma atmosfera reduzida, durante a queima, o núcleo se apresentará cinza ou preto de qualquer maneira. Pode haver um efeito no núcleo, geralmente com o centro sendo mais cinza claro que a superfície; alternativamente, o centro pode ser preto e a superfície exterior cinza.

4.7. Estado de Conservação

O estado de conservação dos fragmentos cerâmicos estará sujeito a processos pós-deposicionais naturais ou antrópicos, tais como raízes e fungos; e marcas de fuligem e crostas depositadas por todo o caco, inclusive na quebra.

4.8. Tratamento de Superfície

Tratamento aplicado à superfície do pote que pode ou não estar ligado à função decorativa (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Em muitas ocasiões, sobretudo no caso do polimento ou alisamento fino, a finalidade do tratamento está relacionada à performance que se espera obter do pote.

As possibilidades de acabamento variam de acordo com o artesão ou artesã e o contexto em que está inserido, entretanto algumas técnicas são recorrentes, conforme segue abaixo:

1. Alisamento fino: Os poros da superfície cerâmica que recebe esse tipo de alisamento ficam pouco visíveis aos olhos, apresentam textura lisa e homogênea às pontas dos dedos. Esse tipo de alisamento seria realizado com auxílio de algum acessório, tal como palha de milho ou tecido, os quais seriam utilizados sobre a peça mais seca ou menos úmida (LIMA, 1986).
2. Alisamento médio: As peças que recebem alisamento médio apresentam superfície mais porosa, porém regular. As peças com alisamento médio provavelmente receberia alisamento aplicado apenas com as mãos sobre a peça ainda úmida.
3. Alisamento grosseiro: Esse tipo de alisamento é perceptível a partir da presença de rugosidades, porosidade e irregularidade da superfície.
4. Polimento: Esse tipo de tratamento é obtido através da fricção de seixos ou sementes arredondadas na superfície cerâmica. Pode ser identificado através do brilho que atribui à superfície cerâmica, resultante dos movimentos repetitivos com o instrumento. Além das facetas de polimento, afundamentos na argila. O polimento permite organizar as moléculas de argila desde a superfície, empurrando cargas de diâmetro maior e orientando cada molécula no sentido de uma maior simetria. Isto garante uma maior resistência ao choque mecânico e aumenta a capacidade de conter o calor, além de tornar a superfície menos permeável.
5. Brunidura: tratamento realizado através da impregnação de fuligem à superfície do pote, seguida de polimento. Esta técnica é delicada e exige um grande domínio havendo a necessidade de que a peça esteja ainda quente, logo que saia do processo de queima. Pode-se utilizar estrume, palha de milho ou outro tipo de vegetal para provocar as fuligens. Assim, que a fuligem encontre a superfície esta deve ser polida, conforme descrito acima. A ação de polir implica nos correlatos materiais apontados acima, no entanto a inserção da fuligem cria uma película que impermeabiliza a cerâmica, diminuindo a porosidade da peça.
6. Barbotina: Revestimento superficial de uma argila mais refinada e contendo mais água na sua mistura aplicada à cerâmica antes da queima. A aplicação da barbotina parte desde a "nata" da argila até uma pasta consistente, "em função de sua espessura, a pasta deverá ser mais refinada, mais plástica [...]"

com textura diferenciada da pasta produtiva” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p.17-18).

O uso de barbotina nos procedimentos internos é o mais comum e atribui algumas características ao vaso: 1) Maior resistência na finalização dos roletes, fechando as pequenas lacunas deixadas pelo alisamento que, normalmente, seriam eliminadas por uma raspagem; 2) Maior resistência à ação dos elementos a serem utilizados, quer na produção de alimentos, na sua mistura ou simples guarda, para consumo posterior; 3) Diminuição da porosidade, aumentando a rigidez não só às reações, mas à permeabilidade que os acabamentos naturais propiciam, mesmo quando do uso de um pseudo-banho (LA SALVIA; BROCHADO, 1989) (Apêndice II).

4.9. Marcas e Sinais de Uso

Os vestígios de uso podem ser observados a partir de alterações físico-químicas visíveis nos fragmentos cerâmicos. Um pote cerâmico pode ser utilizado para armazenar líquidos, sólidos, servir, assar, cozinhar, e todos esses usos deixam marcas (RICE, 1987; ORTON, RYCE; VINCE, 1993; SCHIFFER; SKIBO, 1997). Entretanto, conforme salientam estes autores, ainda faltam experimentações para se refletir sobre o material que se analisa, uma vez que os problemas e as escolhas sociais feitas por sociedades pretéritas são sempre particulares.

O armazenamento de sólidos em potes cerâmicos gera atrito mecânico, principalmente no momento de retirar e colocar o conteúdo no seu interior. Assim, essa atividade poderia acarretar em marcas de retirada do suporte cerâmico na face interna em diversas alturas. Entretanto, tais marcas são difíceis de serem observadas.

O armazenamento de água também em potes cerâmicos gera marca típica. A face externa apresenta os resíduos de sais minerais fixados aí no momento da evaporação da molécula de água. Assim há uma salinização que torna o suporte esbranquiçado.

O uso de potes cerâmicos para o cozimento implica em marcas de oxidação na face externa e uma redução acompanhada de eventuais depósitos carbônicos que

por vezes aparece como crosta, outras vezes como uma gordura que recobre a superfície e a escurece em decorrência da atmosfera redutora.

A fermentação pode ser vista através de marcas de erosão com forma circular que aparecem na face interna do vasilhame. Isto ocorre devido à acidez de bebidas fermentadas que corroem a superfície.

Os vestígios de produção e gesto podem auxiliar em detalhes do processo de manufatura. Durante a produção, pode-se utilizar resina para impermeabilizar a superfície deixando um brilho na superfície na qual foi aplicada, folha ou cestaria para alisar ou apoiar o objeto deixando a impressão destes itens. Um objeto pode ainda apresentar perfurações que pode ter como objetivo servir de suspensão ou de apoio para finalidades diversas.

Vestígios de fuligem estarão presentes quando durante a queima algum objeto como outro pote e/ou um apoio de madeira ficou encostado sobre a superfície do pote evitando a exposição do local à uma atmosfera oxidante, o que torna o local mais escurecido que as demais porções (RYE, 1981). Em geral essas marcas são bem delimitadas e estão localizadas na face externa do objeto.

4.10. Decorações

O tipo de decoração é um elemento comparativo fundamental na arqueologia brasileira, uma vez que o PRONAPA se utilizou da decoração como “fóssil-guia” para fundamentar as suas interpretações e associações a tradições e fases.

Além dos dados decorativos serem eminentemente estéticos e estilísticos, como é apresentado pelo PRONAPA (MEGGERS; EVANS, 1971), podem ter relação com estruturas eminentemente simbólicas e com escolhas sociais sobre o conceito de belo, sobre a organização política, ou sobre a cosmologia de um grupo.

Há também implicações relacionadas à performance do pote. A aplicação da técnica do corrugado, por exemplo, possibilitará uma capacidade maior em acumular calor, uma vez que sua superfície de contato é maior do que um pote de mesma morfologia e tamanho, mas sem tal atributo decorativo (BROCHADO, 1984, p. 271). Da mesma forma que uma vasilha com pintura poderá não ser indicada como pote

para cozinhar, pois toda a tinta tende a desaparecer com o uso, além de contaminar o alimento.

A decoração dos potes cerâmicos pode ser plástica ou crômica. Não cabe explicitar aqui os atributos utilizados, tendo em vista que os mesmos já foram amplamente trabalhados na obra de Brochado e La Salvia (1989), *Arqueologia Guarani*.

4.11. Espessura do Fragmento

As espessuras foram medidas através de um paquímetro analógico em milímetros e anotadas na ficha sem a unidade. Cabe ressaltar que sempre foi levada em consideração a maior espessura observada no fragmento.

Este atributo permite avaliar o desempenho do artefato em relação a sua resistência mecânica e térmica. As paredes finas otimizam o tempo de aquecimento, entretanto apresentam uma baixa resistência ao impacto. Enquanto que as paredes grossas resultam em uma maior resistência ao impacto, porém demandam maior tempo para o aquecimento (SCHIFFER; SKIBO, 1992).

4.12. Tipos de Lábio

Abaixo segue tabela gráfica com os tipos de lábios frequentemente encontrados em sítios arqueológicos.

Fonte: Chmyz, 1969. (Adaptado)

4.13. Espessura do Lábio

Assim, conforme foi mencionado no item espessura do fragmento, o lábio também foi medido através do uso de um paquímetro analógico em milímetros.

Esta medida é tomada a fim de avaliar se há uma manutenção, alargamento ou uma redução nesta porção da vasilha.

4. 2. Estimativa do Diâmetro e Porcentagem do Vasilhame

Essa medida foi tomada através do uso de um ábaco em centímetros. As medidas são tomadas apenas quando temos borda preservada na peça ou base e em casos em que as mesmas tenham pelo menos 5 cm de integridade. Tomar estimativas de peças menores do que 5 cm tendem a ser pouco confiáveis, uma vez que equivale a uma porcentagem muito baixa do todo do artefato.

A estimativa de porcentagem é obtida a partir do resultado dado pelo gráfico de diâmetro que, conjugado com um ábaco pode graduar a porcentagem que a porção medida representa em um círculo. Considerando o círculo a totalidade representa 100%, a metade 50%, e assim sucessivamente, até chegar em 1%. Esta estimativa permite criar uma baliza para estimar o diâmetro percentual do fragmento medido.

No caso da coleção analisada, o material cerâmico encontra-se extremamente fragmentado e quando não, erodido, não sendo possível, portanto realizar a estimativa do diâmetro.

4.3. Análises Estatísticas

Todas as análises estatísticas foram realizadas utilizando o programa *SPSS Statistics Version 20 (Statistical Package for the Social Sciences)* desenvolvido pela empresa *IBM*. O programa constitui em uma excelente ferramenta para o cálculo de maneira mais ágil e eficiente, sobretudo para o tratamento estatístico de grandes volumes de dados.

No trabalho, optamos por deixar todos os gráficos no corpo do texto e as tabelas com análise descritiva das frequências constam nos apêndices para não prejudicar a fluidez da leitura. Contudo, os dados foram disponibilizados para consulta àqueles que tiverem interesse.

Capítulo V – Resultados Obtidos

Conforme mencionado anteriormente, a nossa investigação contemplou a totalidade dos 2664 fragmentos cerâmicos da coleção do sítio Bianco. Para a análise foram escolhidas categorias que possibilitassem identificar a variabilidade do material arqueológico quanto à tecnologia cerâmica.

Cabe ressaltar que devido à grande fragmentação do material cerâmico as projeções e estimativas de forma e volume ficaram comprometidas, sendo assim, o foco das análises se deteve nas comparações possíveis com outras coleções, particularmente em relação às características técnicas de produção e decoração visíveis.

Abaixo seguem os resultados obtidos a partir dessa análise da coleção.

5.1.1. Parte Anatômica

Do total de fragmentos analisados 2180 são fragmentos de parede, 227 bordas, 139 bases, 6 lábios e 112 não puderam ser identificados. A frequência de fragmentos de parede é significativamente maior o que é esperado, uma vez que a área correspondente ao bojo de um vasilhame é sempre maior que a área da base e da borda (Gráfico 1).

O que chama atenção é o elevado número de fragmentos não identificados, contudo isso se deve à elevada fragmentação e deterioração dos fragmentos sujeitos tanto às intempéries da natureza quanto à ação de aragem por décadas e décadas a fio.

Gráfico 1: Parte Anatômica do Vasilhame

5.1. 2. Técnica de Manufatura

A técnica de manufatura que prevalece na coleção cerâmica do sítio Bianco é a do roletado. Entretanto, o percentual de fragmentos não identificados supera o percentual de fragmentos com a técnica de roletado, uma vez que a visualização fica comprometida quando a quebra no fragmento não ocorre na emenda dos roletes.

A identificação do roletado como técnica de manufatura predominante é uma característica típica de povos Tupi e Guarani, embora esteja presente na indústria cerâmica de outros grupos indígenas. Não foram observados fragmentos com o uso da técnica de modelado na indústria cerâmica da coleção analisada.

Fotografia 2: Peça 138. Negativo da emenda do rolete.

Gráfico 2: Técnica de Manufatura do Vasilhame

5.1. 3. Antiplástico

Em relação ao tempero houve predomínio de fragmentos com a presença da combinação de mineral (quartzo, hematita e feldspato), carvão e caco moído e fragmentos com a presença de tempero com a combinação de mineral e caco moído. Em apenas um único fragmento da coleção analisada o antiplástico mineral não esteve presente.

Materiais orgânicos utilizados como tempero, como o caso do carvão presente na cerâmica do sítio Bianco, quando queimados, deixam poros de tamanho que favorece o aquecimento de alimentos (ARNOLD, 1997; ALMEIDA, 2008). Esses poros reduzem a quebra por tensão térmica, uma vez que rachaduras deste tipo tendem a ser barradas (ALMEIDA, 2008). Portanto, podemos supor que um grande percentual da indústria cerâmica encontrada no sítio Bianco era levada ao fogo para o preparo de alimentos.

Fotografia 3: Peça 96. Presença de quartzo angular na pasta no intervalo de 1mm<3mm

Gráfico 3: Tipo de Antiplástico

Os 2664 fragmentos analisados da coleção apresentaram espessura que pode ser considerada fina – variando entre 1mm e 3mm. Tais dimensões demonstram a existência de um preparo e cuidado por parte das ceramistas em relação ao tempero e apontam que provavelmente parte dele foi adicionado à pasta.

Gráfico 4: Espessura do Antiplástico

No que se refere à porcentagem de antiplástico nos fragmentos houve um significativo predomínio no uso de uma frequência baixa de tempero nas peças que variou de 10 a 20%. Essa constatação pode indicar uma escolha e seleção na quantidade de tempero que seria necessária para se obter o efeito desejado no vasilhame a ser produzido pela artesã(o).

Gráfico 5: Porcentagem do Antiplástico na Cerâmica

O aspecto do tempero aponta a predominância de fragmentos com antiplástico que apresentam angulosidade variando de baixa a sub-arredondada demonstrando que houve uma preocupação em “arredondar” os elementos presentes no vasilhame. Esse preparo da argila tem como objetivo a diminuição de eventuais quebras dos potes cerâmicos a serem utilizados prolongando a sua vida útil.

Gráfico 6: Aspecto do Antiplástico

A presença de caco moído em abundância como ocorre no sítio Bianco é um elemento que costumeiramente está presente em grupos Tupi (Almeida, 2008). O uso de grãos de tempero de pequenas dimensões na indústria cerâmica demonstra uma preocupação com a longevidade da vida útil dos vasilhames. Talvez, o acesso à argila ou ao tempero de boa qualidade não fosse tão fácil e isso acarretava em uma valorização dos potes.

5.1. 4. Queima

A queima predominante na coleção do sítio Bianco é a do tipo 4 que seria queima redutora ou completa ocorrendo em 61% dos casos (Vide Anexo II). A seguir aparece a queima 1 que é do tipo oxidante ocorrendo em 27% dos casos. Nesses

fragmentos também observamos a presença de uma quantidade menor de antiplásticos.

Quanto mais alta a temperatura de queima maior a dureza do pote e se a temperatura da queima for inferior a 750°C, as chances de quebra são maiores (RYE, 1981). Nesse sentido, os (as) ceramistas do sítio Bianco devem ter alcançado uma temperatura de queima dos seus potes superiores a 750°C, o que implicaria em um excelente controle do processo de queima.

Fotografia 4: Peça 1454. Peça com queima redutora.

Gráfico 7: Queima da Cerâmica

5.1.5. Estado de Conservação

Os fragmentos analisados da coleção do sítio Bianco se apresentaram com elevada taxa de erosão ou craquelê ("rachaduras"). Em mais da metade dos fragmentos foi identificada a erosão em ambas as faces, contudo isso não necessariamente comprometeu a análise binocular do fragmento. As faces externas sofreram mais com a erosão do que a face interna. Talvez, isso possa estar relacionado com o tratamento de superfície aplicado na face interna e que implicaria em uma predominância de fragmentos que iam ao fogo no preparo de alimentos.

Gráfico 8: Estado de conservação do fragmento

Fotografia 5: 1436. Fragmento com erosão e craquelê na face interna.

5.1.6. Alisamento

O alisamento fino apresentou predominância na coleção do sítio Bianco analisada tanto na face interna quanto na face externa. Não houve uma alteração percentual entre as faces e na grande maioria dos casos, as peças que tinham um tipo de tratamento em uma das faces, o mesmo se repetiu na face oposta.

Apenas 13% das faces internas e 9% das faces externas não apresentaram alisamento de superfície, demonstrando grande preocupação por parte das (os) ceramistas nesse tipo de tratamento. O cuidado em se obter uma superfície lisa fica evidente.

Fotografia 6: Peça 2735. Fragmento com alisamento fino na face interna.

Gráfico 9: Alisamento da Face Interna do Fragmento

Gráfico 10: Alisamento da Face Externa do Fragmento

5.1.7. Engobo

A predominância de engobo marrom é notável em ambas as faces, sendo novamente a ausência de engobo ou barbotina nos fragmentos analisados até o momento algo incomum. Ainda, nesses em que não foram identificados esse tipo de tratamento, não implica necessariamente que os mesmos não estivessem presentes, mas a erosão e o craquelê presente nos fragmentos podem ter impedido a visualização.

Os engobos branco e vermelho também aparecem em uma quantidade considerável das peças analisadas em ambas as faces. Cabe ressaltar que a sua presença corresponde a uma característica típica das cerâmicas Tupi e Guarani.

Fotografia 7: Peça 1491. Presença de engobo branco na face interna.

Gráfico 11: Engobo Face Interna

Gráfico 12: Engobo Face Externa

5.1.8. Decoração

A decoração pintada corresponde ao tipo de decoração quase que exclusiva no sítio Bianco. No total, foram identificados 82 fragmentos com pintura. Destes, 57 apresentaram pintura branca, 21 pintura vermelha, 3 pintura preta e em um fragmento a combinação de pintura branca e vermelha.

Pode-se apontar que as pinturas branca e vermelha foram escolhas preponderantes para as (os) ceramistas do sítio Bianco. As combinações entre pintura vermelha, branca e preta decoração típica de grupos Tupis não estão representados no sítio Bianco. Infelizmente, devido ao avançado grau de erosão das pinturas, não foi possível definir espessuras e motivos.

Fotografia 8: Peça 1381. Peça com pintura vermelha sobre engobo branco.

Gráfico 13: Decoração Pintada do Fragmento

As decorações plásticas se resumiram a incisões em cinco fragmentos, sendo todas elas localizadas nos lábios.

5.1.9. Local da Decoração

Os dados obtidos revelam uma predileção pela decoração nas paredes. Contudo, tal dado deve ser visto com cautela, tendo em vista que é natural que tenhamos mais fragmentos decorados nas paredes uma vez que as paredes são as partes anatômicas dos potes predominantes. De qualquer forma não deixa de ser um dado relevante.

Gráfico 14: Local da Decoração da Face Interna

Gráfico 15: Local da Decoração da Face Externa

5.1.10. Bordas

No total 119 bordas foram identificadas na coleção do sítio Bianco, sendo que dessas 96 apresentaram morfologia extrovertida. Em decorrência da erosão e do tamanho dos fragmentos muitas peças impossibilitou a leitura da morfologia.

Fotografia 9: Peça 841. Borda extrovertida, inclinada externamente e com lábio arredondado.

Gráfico 16: Morfologia da Borda do Fragmento

A inclinação dos fragmentos analisados também se demonstrou majoritariamente voltada para o exterior.

Gráfico 17: Inclinação da Borda do Fragmento

A espessura da borda foi majoritariamente considerada normal, ou seja, a espessura não se altera desde o bojo superior até o lábio. Apenas três fragmentos apresentaram reforço na face externa e um fragmento apresentou reforço na face interna.

Gráfico 18: Espessura da Borda do Fragmento

5.1.11. Lábio

Os lábios analisados na coleção apresentaram uma maior frequência de lábios arredondados (123 fragmentos), seguidos por lábios apontados (52 fragmentos), planos (36 fragmentos) e biselados (4 fragmentos).

Gráfico 19: Tipos de Lábio

5.1.12. Espessura do Lábio

Há uma predominância de lábios com a espessura no intervalo entre 0,7 cm e 1,2 cm. Lábios entre 1,3 cm e 1,8 cm aparece em apenas seis fragmentos da coleção. Não há nenhuma peça com lábio maior do que 2 cm.

Gráfico 20: Espessura do Lábio

5.1.13. Espessura do Fragmento

Os fragmentos também não se demonstraram espessos. Há uma predominância majoritária de peças com até 2 cm de espessura e apenas 94 fragmentos no intervalo entre 2,1 cm e 3,1 cm. Pode-se inferir que os potes não eram de grandes dimensões e possivelmente o grupo que habitou o sítio Bianco não era numeroso.

5.1.14. Bases

Todas as bases identificadas e analisadas totalizaram 62 peças e se apresentaram com formas planas.

O padre Montoya quando esteve junto a povos Guarani na região sul do país realizou um levantamento de seis formas de vasilhames confeccionados pelas

ceramistas a partir da análise de 125 peças (MONTROYA, 1640, apud. PROUS, 2010).

Neste levantamento o autor apontou para a existência de bases aplainadas em tigelas utilizadas para comer (*ñaembé*, *tembiiru*).

5.2. Discussão dos Resultados

De acordo com os resultados obtidos a partir da análise do material cerâmico e com a bibliografia lida podemos identificar semelhanças da coleção do sítio Bianco com a fase Cambará descrita por Chmyz em 1977. O fato de as pinturas sobre o engobo branco encontrar-se bem apagadas, sendo apenas observados vestígios de pintura vermelha dificulta uma associação mais direta.

Entretanto, há semelhanças nítidas. A predominância de antiplástico com grãos de quartzo, cacos moídos e carvão ocorre em ambos os sítios. Os lábios com incisões também é outro elemento de congruência entre as coleções. Enquanto que 15 peças apresentam incisões nos lábios da coleção do sítio Bianco nos 55 sítios associados à fase Cambará estudados por Chmyz, 1977, foram identificados 83 bordas com incisões nos lábios.

Embora as bases planas não sejam predominantes nos sítios associados à fase Cambará, Chmyz relata que elas são bastante recorrentes.

No que se refere à datação, nota-se também convergência da datação obtida para o sítio Bianco e o intervalo referente à fase Cambará (820 A.D. a 1190 A.D.). O autor ainda associa os sítios Jango Luis, localizado em Angatuba e com datação de 980 ± 10 A.D. e o sítio Fonseca com datação de 1190 ± 10 A.D. a 780 A.D. à fase Cambará que são sítios muito próximos ao sítio Bianco.

Chmyz (1977) associa a fase Cambará a sítios pertencentes à subtradição Tupi vindos do litoral. Em trabalho posterior, o mesmo autor realiza um levantamento de peças localizadas do Museu Paranaense e coletadas por moradores na região de Paranaguá no Estado do Paraná (Chmyz, 2002).

As peças estudadas apresentam também recorrência de engobo branco sob pintura vermelha com motivos em grega e escalonada separada por faixas vermelhas. O antiplástico apresenta caco moído e quartzo, mas não o carvão.

As datações mais antigas existentes para a subtradição Pintada oscilam entre 570 ± 150 A.D. para a fase Umuarama, 775 ± 80 A.D. para a fase Cambará, 885 ± 95 A.D. para a fase Condor e 1250 ± 55 A.D. para a fase Itacorá (Prous, 2010).

Segundo Brochado, 1989, os Tupi, descendentes dos produtores da cerâmica Marajoara teriam primeiramente descido pela costa atlântica, há pelo menos 1500 A.D., até o Trópico de Capricórnio, que teria sido alcançado por volta de 1000 A.D. e, finalmente, movendo-se ao interior, subindo o curso dos rios costeiros (BROCHADO, 1989, p.75). Essa migração para o interior teria ocasionado em um novo encontro entre Tupis e Guarani.

Tal relato de Brochado corrobora com o que tem sido encontrado em pesquisas arqueológicas das últimas décadas. Contudo, esse marco que até então os estudos apontavam para a Bacia do rio Tietê tem demonstrado que estaria mais para o sul entre as bacias do Paraná e Paranapanema.

No que se refere especificamente a região do Alto Taquari verificamos uma predominância de sítios Itararé. Os sítios Tupi e Guarani são exceções na região. Eventualmente existam outros sítios ainda não localizados ou poderia tratar-se de uma ocupação posterior à ocupação Tupi e Guarani e os grupos Itararé já estarem instalados no alto Taquari há mais tempo. Entretanto, ainda não há uma gama de datações destes sítios que permitam estabelecer uma cronologia e dinâmica de ocupação na região.

VI. Conclusões

A partir das análises realizadas, os dados estão apontando para uma indústria cerâmica do sítio Bianco que se aproxima mais dos sítios Tupi do litoral do Sudeste do que dos sítios Guarani. Entretanto, nota-se a existência de elementos Guarani da região sul, sobretudo no que diz respeito à presença de caco moído na pasta das cerâmicas investigadas.

A impossibilidade de reconstituir formas e de visualizar os motivos decorativos na cerâmica dificulta uma associação mais evidente. Contudo, alguns elementos recorrentes como o antiplástico utilizado e os lábios incisivos são frequentes na fase Cambará associada a sítios Tupi.

Tais características seriam condizentes com as hipóteses levantadas em trabalhos anteriores realizados na região do Vale do Paranapanema que afirmam que a região poderia ter sido uma área de confluência de povos que estariam se relacionando e interagindo de alguma forma. Os resultados da análise do material cerâmico do sítio Bianco corroboram essa percepção.

O estudo da coleção de outros sítios da região e eventualmente escavação de outros que ainda não foram escavados seria de grande valia para o avanço no estudo e na compreensão da dinâmica de ocupação da área do Taquari e de forma mais abrangente do Vale do Paranapanema.

Referências

- ALMEIDA, F. O. O Complexo Tupi da Amazônia Oriental. Dissertação de mestrado, MAE-USP, 2008.
- AMOROSO, M. R. Catequese e Evasão: Etnografia do Aldeamento Indígena São Pedro de ALCÂNTARA, Paraná (1855-1895). São Paulo, Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH/USP, 1998.
- ANDREATA, M. Notas parciais sobre pesquisas realizadas no planalto e litoral do Estado do Paraná. In: Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. Instituto anchietano de Pesquisas, 79-89, 3 fig. São Leopoldo, 1968.
- ANTHONY, D. The horse the Wheel and language. Princeton University Press, 2007.
- ARARIPE, A. T. Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil. Revista do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, vol. L, Rio de Janeiro, 1887.
- ARAUJO, A. G. M. Teoria e método em arqueologia regional: Um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. MAE - USP, São Paulo, 2001.
- ARAUJO, A. G. M. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. Revista de Arqueologia, 2002.
- ARAUJO, S. A. C. Arqueologia de Itapeva, SP: Contribuição a formação de políticas públicas para gestão patrimonial. Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2006.
- ARNOLD, D. Ceramic theory and cultural process. Cambridge University Press, 1997.
- AYTAI, D. As gravações rupestres de Itapeva. Revista Universidade Católica de Campinas, n33, 1970.
- BALDUS, H. Ensaios da etnologia brasileira, São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1937.
- BLASI, O e CHMYZ, I. Jazida arqueológica de J. Lopes. Boletim Paranaense de Geografia no.8-9. Instituto de Geologia da UFPR, 63-102, 10 pr., 4 fotos. Curitiba, 1963.
- BLASI, O. Os indícios arqueológicos do Barracão e Dionísio Cerqueira Paraná – Santa Catarina. Arquivos do Museu Paranaense – Arqueologia no. 2, 26p. 5pr. Curitiba. 1965.
- BORBA, T. Actualidade Indígena (Paraná, Brazil). Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- BROCHADO, J. Alimentação na floresta tropical. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

BROCHADO, J. An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into eastern South America. PhD Dissertation, University of Illinois at Urbana Champaign, 1984.

BROCHADO, J. A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policroma Amazônica. Dédalo, São Paulo, 1989, p.65-82.

CHMYZ, I. . Comentários sobre as culturas pré-cerâmicas no Estado do Paraná. Pesquisas. Antropologia. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo - RS, v. 20, p. 13-24, 1969.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Centro de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1969.

CHMYZ, I. Arqueologia e História da comunidade espanhola de Ciudad Real do Guairá. Cadernos de Arqueologia. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá - PR, v. 1, p. 7-103, 1976.

CHMYZ, I. Pesquisas paleontográficas efetuadas no vale do rio Paranapanema Paraná - São Paulo. Tese de Doutorado, UFPR, 1977.

CHMYZ, I. A Tradição Tupiguarani no litoral do estado do Paraná. *Revista do círculo de estudos bandeirantes*. No. 16, Setembro. Curitiba, Paraná, 2002.

CHMYZ, I. Modelagens cerâmicas em sítios Tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso. In: PROUS e LIMA (org). Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos Decorativos. Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010.

CORRÊA, A. Pindorama de mboia e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. Tese de Doutorado, MAE-USP, 2013.

CRUZ, D. G. Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO). Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2008.

DANTAS, A. A memória do Patrimônio de Assis (História). Editora Pannartz. São Paulo, 1978.

DE BLASIS, P. Resgate arqueológico no traçado do gasoduto Brasil-Bolívia (GASBOL) no Estado de São Paulo: Trechos IX E X (de Paulínia à fronteira com o Paraná). Relatório Científico, 1998.

DUNNELL, R. Classificação em arqueologia. Edusp, 2006.

EVANS, C. & MEGGERS, B. Como interpretar a linguagem da cerâmica. “Manual para arqueólogos”. Traduzido por Alvoino Eble, 1970.

FACCIO, N. B. Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FACCIO, N. B. Arqueologia Guarani na área do projeto Paranapanema: Estudo dos sítios de Iepê, SP. Tese Livre Docência, 2011.

FAVARELLI, F. Z. Arqueologia no estado de São Paulo: Sítio Turvo, Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010.

FERNANDES, S. C. G. Contribuição para o estudo da Tradição Aratu Sapucaí Estudo de caso: O sítio arqueológico de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. Revista Canindé, Xingó, n1, 2001.

GOULART, M. Novas perspectivas de análise cerâmica em pré-história brasileira. Tese Doutorado, FFLCH-USP, 1982.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E; PETERSEN, J. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. Revista de Antropologia. Vol.41 n.1 São Paulo, 1998.

KAMASE, L. M. Casas subterrâneas feições doliniformes: um estudo de caso na bacia do Alto Taquari/SP. Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2004.

KOSSINA, G. Die Herkunft Germanen zur Method e der Siedlungs archaeologie . Würzburg Kabitzsch: Mannus-Bibliothek 6, 1911.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. P. Cerâmica Guarani. Posenato Arte & Cultura, Porto Alegre, 1989.

LATHRAP, D. The Upper Amazon. London: Thomas and Hudson, 1970.

LIMA, J. F. T. A Ocupação da Terra e a Destruição dos Índios na Região de Bauru. São Paulo, Dissertação (Mestrado em História) - FFLCH/USP, 1978.

LIMA, T. A cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, B. (org) Suma Etnológica Brasileira, v2, Petrópolis: Vozes, 1986.

MARANCA, S. Dados preliminares sobre a arqueologia do Estado de São Paulo. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas III. Publicações Avulsas 12, Belém, Museu Emilio Goeldi, 1969.

MARTIN, G. Pré-História do Nordeste do Brasil, Editora Universitária, UFPE, 1996.

MEGGERS, B. J. A Reconstrução da Pré-História Amazônica, Universidade de São Paulo, 1974.

MEGGERS , B. J. Amazônia: a ilusão de um paraíso. Ed. Civilização Brasileira, 1977.

MELLO, A. A. S.; KNEIP, A. Diálogo linguística – Arqueologia: origem e dispersão dos povos tupi-guarani. Anais do XIII Congresso de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005 (cd-rom).

METRAUX, A. Migrations historiques des Tupi-guarani, *Journal de la société de Américanistes*, n.s, Paris. P. 1-45, 1927.

MORAIS, J. L. . A instalação de populações pré-históricas nas áreas de sedimentos quaternários do médio Paranapanema, SP. Publicação Especial do 4º Simpósio do Quaternário no Brasil, São Paulo, p. 50, 1981.

MORAIS, J. L. . Arqueologia da Região Sudeste. Revista USP, São Paulo, v. 44, p. 194-217, 2000.

MORAIS, J. L. Salvamento arqueológico da Linha de Transmissão Itaberá/Tijuco Preto. Relatório Final, MAE-USP, 2002.

MORAES, C. A. Arqueologia tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual. Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2007.

MOTA, L. T. Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século XIX. In: MOTA et al.(Org.) Urí e Wãxi : estudos interdisciplinares dos Kaingang. Editora UEL, Londrina, 2000.

MOTA, L. T. As populações indígenas Kaiová, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais. In: Fronteiras: Revista de História. V. 9 no. 16 Dourados. MS, 2007.

NIMUENDAJU, C. Fragmentos de religião e tradição dos índios Sipaia: contribuição ao conhecimento das tribos de índios da região do Xingu, Brasil Central. Religião e Sociedade 7. Rio de Janeiro, 1981.

NIMUENDAJU, C. O fim da tribo Oti. In: Textos Indigenistas. São Paulo, Loyola, Col. Missão Aberta, v. 6, 1982.

NIMUENDAJU, C. As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: Ed. USP; Ed. Hucitec, 1987.

NIMUENDAJU, C. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro. IBGE, 97 P. il. Mapa, 2002.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. Pottery in archaeology. Cambridge University Press, 1997.

PALLESTRINI, L. Sítio arqueológico Fonseca. Museu Paulista, 1969.

PEREIRA, D. Arqueologia guarani na bacia do rio Santo Anastácio-SP: estudo do sítio Célia Maria. Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2011.

PINHEIRO, N. S. Os nômades: Etnohistória Kaingang e seu Contexto: São Paulo, 1850 a 1912. Dissertação de Mestrado, FCL/UNESP, 1992.

PREZIA, B. Oti – extermínio de um povo. Porantim nº 209, de outubro de 1998. CIMI, Brasília.

PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora UNB, 1992.

PROUS, A. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: PROUS e LIMA (org). Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos Decorativos. Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010.

QUADROS, F. R. E. Memória sobre os trabalhos de exploração e observação efetuada pela secção da comissão militar encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 55, (1): 233-260 Rio de Janeiro, 1892.

REID, K. Fire and Ice: New evidence for the production and preservation of Late Archaic fiber-tempered pottery in the Middle-Latitude Lowlands. *American Antiquity* 40(1):55:76, 1984.

RENFREW, C. At the edge of knowability: towards a prehistory of languages. *Cambridge Archaeological Journal*, v.10, n.1, 2000.

RICE, P. M. Pottery Analysis. London, University of Chicago Press, 1987.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1996.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no vale do Paranapanema. In: *Terra Indígena*. Ano XV, no. 81. Araraquara. SP, 2000.

RODRIGUES, A. Classificação do Tronco Linguístico Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 12, 1964.

RODRIGUES, R. A. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí. Tese de Doutorado, MAE-USP, 2007.

RODRIGUES, S.S. Kaingang, Oti-Xavante e Guarani no povoamento do Vale do Paranapanema. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2003.

RODRIGUES, R. (Org.). Relatório circunstanciado de identificação e delimitação das Terras Indígenas Guarani de Itaporanga e Barão de Antonina. FUNAI. Brasília, 2010.

RODRIGUES, R. Territórios em disputa: o papel da pesquisa etnoarqueologica nos estudos de identificação e delimitação das terras indígenas Guarani Nandeva no sudeste do Estado de São Paulo, 2013.

ROGGE, J. Fenômenos de Fronteira: Um estudo das Situações de Contato Entre os Portadores das tradições Cerâmicas Pré-Históricas no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, Unisinos, São Leopoldo, 2004.

ROOSVELT, A.C. Arqueologia amazônica. In: Cunha, MANOELA Carneiro da (org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

RYE, O. S. Pottery Technology: Principles and Reconstruction. Washington, D.C., Taraxacum Inc., 1981.

- SAINT-HILAIRE, A. Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. São Paulo: Livraria Martins Ed.; Ed. Da USP, 1972.
- SALVIA, F. & BROCHADO J. P. Cerâmica Guarany. Posenato Arte e Cultura, Porto Alegre, 1989.
- SAMPAIO, T. Considerações geográficas e econômicas sobre o Valle do Rio Paranapanema. Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo, 1890.
- SANTOS, J. V. e FACCIO, N. B. Geografia e Patrimônio Arqueológico. In: Tópos. FCT/UNESP. V. 1 no. 2. Presidente Prudente, SP, 2007.
- SCHIFFER, M. Technological Perspectives on Behavioral Change. University of Arizona Press, Tucson, 1992.
- SCHIFFER, M.; SKIBO, J. The explanation of artifact variability. American Antiquity 62:27-50. 1997.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S. Horticultores pré-históricos do estado de Goiás. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1985.
- SCHMITZ, P. I. Migrantes da Amazônia: Tradição Tupiguarani: Arqueologia do RGS, Brasil- Documentos (São Leopoldo) 5, 1991.
- SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 18: 47-68, 2008.
- SILVA, Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos assurini do Xingu. *Revista do Cepa*, Santa Cruz do Sul, v.24, n.32, 2000.
- SILVA, F. A. As tecnologias e seus significados. *Revista Canindé*, Xingó, n.2, 2002.
- SILVA, F. A. O processo de produção da cerâmica Asurini: Uma contribuição para os estudos arqueométricos de material cerâmico. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2003.
- SIMIEMA, J. Em que abrigos se alojarão eles? In: MOTA et al.(Org.). Urí e Wáxi : estudos interdisciplinares dos Kaingang. Editora UEL, Londrina, 2000.
- SHEPARD, A. O. Ceramics for the archaeologist. Carnegie Institution of Washington, 1971.
- SKIBO, J. M. Pottery function a use-alteration perspective. New York Plenum Press, 1992.
- SKIBO, J.M.; FEINMAN, G. M. Pottery and people a dynamic interaction. Salt Lake City University of Utah Press, 1999.

SOUSA, A. A. A formação histórica do oeste paulista: alguns apontamentos sobre a imigração japonesa. In: Geografia em Atos, n.8, v.1. UNESP, Presidente Prudente, 2008.

SOUSA, E. S. O Potencial interpretativo dos artefatos cerâmicos: a tradição Tupiguarani na Amazônia. Dissertação de Mestrado. Belém, Universidade Federal do Pará, 2009.

THOMAZ, R. C. C. Arqueologia da influência jesuítica no Baixo Paranapanema: o estudo do sítio Taquaraçu. Dissertação de mestrado. FFLCH, USP, 1995.

TIBURTIUS et al. Contribuições ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina (II) – Sambaqui do Rio Pinheiros no. 8. Arquivos de Biologia e Tecnologia. Inst. Biol. Pesqu.Tecnol.,no. 9, 141-197, 3 est, 21 fig. Quadros. Curitiba. 1954.

TOMMASINO, K. Território e territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: MOTA et al.(Org.). Urí e Wãxí : estudos interdisciplinares dos Kaingang. Editora UEL, Londrina, 2000.

TRIGGER, B. História do pensamento arqueológico. Odysseus, 1992.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. C. da (Org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992.

VON IHERING. A anthropologia do estado de São Paulo. Revista do Museu Paulista VII, p.202-257. São Paulo, 1907.

WATSON, V. Ciudad Real: A guarani-spanish site on the Alto Paraná River. American Antiquity. Vol.13(2), 163-176, 2 fig. 1 pr. Salt Lake City. 1947

WIESSEMAN, U. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xokleng. Arquivos de Anatomia e Antropologia vol.III,p.199-217. Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, 1978.

WÜST, I. & CARVALHO, H. B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro oeste Brasileiro: A análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 6: 47-81. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ÂPENDICES

Apêndice I. Tabela de espessura, porcentagem e aspecto do antiplástico
(Fonte: MATHEW et al. apud. ORTON et al. 2003).

Apêndice II. Tipos de Queima (Fonte: adaptado de RYE, 1981).

Apêndice III. Tabela de Códigos de Análise Cerâmica Adotada.

Código de Análise Cerâmica					
1. Categoria	4. Espes. do Antiplástico	9. Alisamento FI	14. Sinais de Uso	19. Espessura do Lábio (cm)	25. Motivo Pint./ Inciso
0: Não identificada	1: <1mm	1: Fino	1: Fuligem FI		1: Horizontal
1: Parede	2: 1mm =< e < 3mm	2: Médio	2: Fuligem FE	20. Diâmetro da Boca (cm)	2: Vertical Curta
2: Borda	3: 3mm =< e <5mm	3: Grosso	3: Película de Alimento FI		3: Vertical Longa
3: Base	4: <=5mm	4: Polido	4: Reciclagem	21. Porcentagem da Borda	4: Transversal
4: Bolota de Argila		0. Sem leitura	5. Ausente		5: Trançada
5: Roda de Fuso	5. Porct.do Antiplástico			22. Base	6: Triangular
6: Forma Conjugada	1: 5%	10. Alisamento FE	15. Morfologia da Borda	1: Convexa	7: Ângular
7: Carena	2: 10%	1: Fino	1: Direta	2: Plana (com pt angular)	8: Espiral
8: Rolete	3: 20%	2: Médio	2: Extrovertida	3: Plano-Convexa (sem pt ang)	9: Ondular
9: Gargalo	4: 30%	3: Grosso	3: Introvertida	4: Côncava	10: Curvilíneas
10: Asa		4: Polido	4: Cambada	5: Anelar	11: Em Grega
11: Flange	6. Cor da Superfície (FI)	0. Sem leitura	5: Extrov com Ponto Angular	6: em Pedestal	12: Complexa
12: Cachimbo	1: Branco		6: Extrov com Ondulação		
13: Alça	2: Amarelo	11. Tratam. de Superfície FI		21. Diâmetro da Base (cm)	
14: Aplique/Apêndice	3: Laranja	1: Eng Vermelho	16. Inclinação da Borda		26. Local da Dec. FI
15: Suporte de Tampa	4: Vermelho	2: Eng Branco	1: Vertical	22. Espess. do Fragmento (cm)	1: Lábio
16: Adorno	5: Cinza	3: Eng Marrom (Barbotina)	2: Inclínada Inter		2: Borda
17: Ombro	6: Preto	4: Esfumarado (Resina)	3: Inclínada Ext	23. Decoração Plástica	3: Bojo Superior
18: Lábio	7: Marrom	5: Brunidura		1: Corrugado	4: Bojo Inferior
			17. Espessura da Borda	2: Inciso Fino	5: Parede
2. Técn. de Manufatura	7. Queima	12. Tratam. de Superfície FE	1: Normal	3: Inciso Largo	6: Base
0. Não identificada		1: Eng Vermelho	2: Expandida	4: Exciso	7: Aplique
1. Acordelada	(vide modelo)	2: Eng Branco	3: Refor Intern	5: Ungulado	
2. Modelada		3: Eng Marrom (Barbotina)	4: Refor Ext	6: Digitungulado	
3. Placas	8. Estado de Conservação	4: Esfumarado (Resina)	5: Reforçada	7: Digitado	27. Local da Dec. FE
	1 Não Erodido	5: Brunidura	6: Dobrada	8: Filete Aplicado	1: Lábio
3. Antiplástico	2: Erodido FE		7: Contraída	9: Entalhado	2: Borda
1. Mineral	3: Erodido FI	13. Marcas	8: Vazada (Oca)	10: Ponteadado	3: Bojo Superior
2. Cariapé	4: Erodido AF	1: Folha			4: Bojo Inferior
3. Cerâmica/caco Moído	5: Craquelê FE	2: Furo	18. Lábio	24. Decoração Pintada	5: Parede
4: Carvão	6: Craquelê FI	3: Cestaria	1: Arredondado	1: Vermelha	6: Base
5: Cauixi	7: Craquelê AF	4: Marca de Dedo	2: Plano	2: Branca	7: Aplique
6: Concha		5: Estrias de Alisamento	3: Apontado	3: Preta	
7: Argila Moída		6: Outros	4: Biselado		
8: Outros		0. Ausente			

Apêndice V. Tabelas de Frequência dos Atributos

Categoria

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	112	4,0	4,2	4,2
1	2180	78,7	81,8	86,0
2	227	8,2	8,5	94,6
3	139	5,0	5,2	99,8
18	6	,2	,2	100,0
Total	2664	96,1	100,0	
Missing System	107	3,9		
Total	2771	100,0		

Antiplástico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1;3;4	1505	56,5	56,5	56,5
1;3	927	34,8	34,8	91,3
1,	124	4,7	4,7	95,9
1;4	107	4,0	4,0	100,0
3;4	1	,0	,0	100,0
Total	2664	100,0	100,0	

Aspecto do ant.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3	1176	44,1	44,1	44,1
	4	840	31,5	31,5	75,7
	2	640	24,0	24,0	99,7
	1	8	,3	,3	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Espess. do Ant.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	2028	76,1	76,1	76,1
	3	267	10,0	10,0	86,1
	1	256	9,6	9,6	95,8
	4	113	4,2	4,2	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Porcentagem do Antiplástico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	1355	50,9	50,9	50,9
	3	1146	43,0	43,0	93,9
	1	107	4,0	4,0	97,9
	4	56	2,1	2,1	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Alisamento FE

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	1802	67,6	67,6	67,6
2	380	14,3	14,3	81,9
0	355	13,3	13,3	95,2
3	101	3,8	3,8	99,0
4	26	1,0	1,0	100,0
Total	2664	100,0	100,0	

Alisamento FI

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	1792	67,3	67,3	67,3
0	413	15,5	15,5	82,8
2	335	12,6	12,6	95,3
3	81	3,0	3,0	98,4
4	43	1,6	1,6	100,0
Total	2664	100,0	100,0	

Dec. Pintada

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 2	17	7,5	63,0	63,0
1	9	4,0	33,3	96,3
3	1	,4	3,7	100,0
Total	27	11,9	100,0	
Missing System	200	88,1		
Total	227	100,0		

Dec. Plástica

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	7	,3	46,7	46,7
	3	4	,2	26,7	73,3
	5	2	,1	13,3	86,7
	6	1	,0	6,7	93,3
	7	1	,0	6,7	100,0
	Total	15	,6	100,0	
Missing	System	2649	99,4		
Total		2664	100,0		

Engobo Face Externa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3	1995	74,9	74,9	74,9
	0	440	16,5	16,5	91,4
	2	111	4,2	4,2	95,6
	1	81	3,0	3,0	98,6
	4	24	,9	,9	99,5
	5	13	,5	,5	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Engobo Face Interna

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3	1804	67,7	67,7	67,7
	0	501	18,8	18,8	86,5
	2	238	8,9	8,9	95,5
	1	81	3,0	3,0	98,5
	4	27	1,0	1,0	99,5
	5	13	,5	,5	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Espessura da Borda

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	160	6,0	70,5	70,5
	0	62	2,3	27,3	97,8
	4	4	,2	1,8	99,6
	3	1	,0	,4	100,0
	Total	227	8,5	100,0	
Missing	System	2437	91,5		
	Total	2664	100,0		

Espessura do Fragmento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1,1<2	1422	53,4	53,4	53,4
	0<1	1148	43,1	43,1	96,5
	2,1<3,1	94	3,5	3,5	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Espessura do Lábio

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0<0,6	146	62,7	62,7	62,7
0,7<1,2	81	34,8	34,8	97,4
1,3<1,8	6	2,6	2,6	100,0
Total	233	100,0	100,0	

Est. de conservação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 4,	1466	55,0	55,0	55,0
1,	533	20,0	20,0	75,0
7,	243	9,1	9,1	84,2
2,	230	8,6	8,6	92,8
3,	171	6,4	6,4	99,2
5,	10	,4	,4	99,6
6,	6	,2	,2	99,8
6;2	3	,1	,1	99,9
2;6	1	,0	,0	100,0
3;5	1	,0	,0	100,0
Total	2664	100,0	100,0	

Inclinação da Borda

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3	144	5,4	63,7	63,7
	0	78	2,9	34,5	98,2
	1	2	,1	,9	99,1
	2	2	,1	,9	100,0
	Total	226	8,5	100,0	
Missing	System	2438	91,5		
Total		2664	100,0		

Lábio

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	123	4,6	52,6	52,6
	3	52	2,0	22,2	74,8
	2	36	1,4	15,4	90,2
	0	19	,7	8,1	98,3
	4	4	,2	1,7	100,0
	Total	234	8,8	100,0	
Missing	System	2430	91,2		
Total		2664	100,0		

Local da Dec. FE

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 5,	33	71,7	71,7	71,7
2,	6	13,0	13,0	84,8
1,	4	8,7	8,7	93,5
6,	2	4,3	4,3	97,8
5;6	1	2,2	2,2	100,0
Total	46	100,0	100,0	

Local da Dec. FI

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 5,	50	59,5	59,5	59,5
2,	17	20,2	20,2	79,8
1,	13	15,5	15,5	95,2
6,	3	3,6	3,6	98,8
2;5	1	1,2	1,2	100,0
Total	84	100,0	100,0	

Morfologia da Borda

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	143	5,4	63,3	63,3
	0	78	2,9	34,5	97,8
	1	3	,1	1,3	99,1
	3	2	,1	,9	100,0
	Total	226	8,5	100,0	
Missing	System	2438	91,5		
Total		2664	100,0		

Queima

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	4	1664	62,5	62,5	62,5
	1	718	27,0	27,0	89,4
	7	215	8,1	8,1	97,5
	2	42	1,6	1,6	99,1
	5	13	,5	,5	99,5
	6	10	,4	,4	99,9
	3	2	,1	,1	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Sinais de Uso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	2586	97,1	97,1	97,1
	2	64	2,4	2,4	99,5
	1	14	,5	,5	100,0
	Total	2664	100,0	100,0	

Técnica de Manufatura

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Acordelado	496	17,9	18,6	18,6
	Não identificado	2168	78,2	81,4	100,0
	Total	2664	96,1	100,0	
Missing	System	107	3,9		
Total		2771	100,0		